



With the support of the Lifelong Learning Programme of the European Union

**„Identifying Barriers in Promoting the European Standards and Guidelines
for Quality Assurance at Institutional Level“**

IBAR

Agreement number – 2010 – 4663/001 - 001

WP12

Quality and Secondary Education
National study – Portuguese version
2013

This project has been funded with support from the European Commission. This publication reflects the views only of the author, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.

IBAR PROJECT

QUALIDADE E ENSINO SECUNDÁRIO – O CASO PORTUGUÊS

Work Package 12

Equipa de Investigação

Amaral, A.

Cardoso, S.

Machado, I.

Neave, G.

Rosa, M. J. (Relatora)

Sarrico, C. S. (Relatora e Coordenadora do Projeto)

Sin, C.

Tavares, O.

Teixeira, P.

Veiga, A.

Junho 2013

1. Introdução	3
2. Metodologia	5
3. Resultados	6
4. Conclusão	19
4.1 Sumário dos Resultados	19
4.2 Identificação das barreiras e boas práticas	20
4.3 Recomendações	21
5. Referências	23
Anexo A – Dados Institucionais por IES	
Anexo B – Dados Institucionais por Escola Secundária	

1. INTRODUÇÃO

Num ambiente nacional e internacional cada vez mais competitivo, assegurar a qualidade das atividades de ensino e aprendizagem é fundamental quer para as instituições de ensino superior (IES) quer para as escolas secundárias. As escolas secundárias fornecem os alunos que o ensino superior irá educar mais tarde, sendo que ambos contribuem para estimular as sociedades e economias do conhecimento através da "produção" de jovens com conhecimento, competências e habilidades que permitirão o desenvolvimento das sociedades.

Mas será que estes dois setores educacionais comunicam e alinham as suas estratégias, a fim de melhorar a qualidade as suas atividades de ensino e de aprendizagem e, conseqüentemente, a qualidade dos futuros diplomados do ensino superior? Ou serão simplesmente dois mundos separados?

O presente trabalho pretende discutir a relação entre estes dois setores da educação, nomeadamente em termos do desenvolvimento de mecanismos de garantia de qualidade do ensino e aprendizagem. A Parte I das ESG não faz qualquer referência explícita ao nível do ensino secundário, o que é um pouco estranho. Por um lado, oferecer educação no mais alto nível de ensino e garantir adequadamente a qualidade dessa educação certamente implica que as IES espelhem os resultados da educação secundária, nomeadamente, na formulação das suas estratégias de acesso ou de recrutamento e formação do pessoal docente para o primeiro ciclo de estudos. Por outro lado, o ensino secundário também deve estar preocupado com a garantia da sua própria qualidade, nomeadamente através do desenvolvimento de mecanismos e procedimentos que garantem uma preparação adequada dos seus alunos para acederem ao ensino superior, o que significa que os prepara para tirar o máximo proveito da oportunidade que o ensino superior lhes oferece.

Por estas razões, e em relação à implementação da Parte I das ESG, é importante obter, fundamentada empiricamente, o retrato de até que ponto os fatores do ensino secundário influenciam as políticas institucionais de garantia de qualidade. O objetivo é identificar os problemas relativos à ligação entre o ensino superior e secundário, e em que medida é que estes podem ser superados através da implementação de um conjunto de práticas de garantia de qualidade em cada uma das organizações destes setores educacionais.

No caso de Portugal, os dois níveis de ensino são atualmente sujeitos a sistemas nacionais de garantia de qualidade, em que as instituições de ensino superior e as escolas têm de desenvolver os seus próprios mecanismos internos de garantia da qualidade, ou seja, no caso de instituições de ensino superior desenvolver um sistema de garantia de qualidade interna e, no caso das escolas secundárias, um processo de autoavaliação, validados por exercícios de avaliação externa.

Conforme referido no relatório WP5, após uma avaliação do sistema de qualidade do ensino superior Português pela ENQA (2006), o sistema de avaliação da qualidade existente (que já estava em vigor desde 1994), foi desmantelado, sob acusações de não ser verdadeiramente independente e não produzir resultados, e foi iniciado um novo em 2009, sob a influência dos desenvolvimentos europeus (nomeadamente a Declaração de Bolonha e o cumprimento da ESG para a Garantia da Qualidade). Este novo sistema é caracterizado pela avaliação e acreditação dos ciclos de estudo e das instituições sob a responsabilidade de um órgão novo e independente para a sua coordenação – Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES). Neste novo sistema, a acreditação assume um papel preponderante, como forma de garantir que os ciclos de estudos e as instituições cumprem os padrões mínimos que conduzem ao reconhecimento oficial. A nova lei para a avaliação da qualidade e acreditação também determina que as instituições devem desenvolver uma política de garantia de qualidade para os seus ciclos de estudos, uma cultura de qualidade e garantia de qualidade das suas atividades e uma estratégia para a melhoria contínua da sua qualidade. Além disso, estão previstas na lei auditorias institucionais dos sistemas internos de garantia de qualidade, tendo já sido iniciada a sua implementação no ano em curso, mas ainda numa fase experimental. A maioria das instituições de ensino superior português já têm, ou já estão a desenvolver, os seus próprios sistemas internos de garantia de qualidade, como é o caso das instituições selecionadas para integrar o projeto IBAR.

No caso do ensino secundário (e também no caso do ensino básica em Portugal), e na sequência de vários programas de avaliação da qualidade que têm sido desenvolvidos e implementados de forma bastante irregular desde o início da década de noventa, foi promulgada uma lei em 2002 que estabelece que as escolas têm de realizar a sua própria autoavaliação seguida de uma avaliação externa. Durante vários anos, essa lei não era muito mais do que um dispositivo de retórica e só em 2006 foi criado um grupo de trabalho pelo Ministério da Educação, com o objetivo principal de estabelecer um modelo para a avaliação escolar. Em 2007/08, um novo programa de avaliação externa das escolas foi lançado, sob a responsabilidade da Inspeção Geral da Educação (IGE). Até o final de 2010/2011 todas as escolas continentais portuguesas tinham sido avaliadas (desde o pré-escolar ao ensino secundário) e um novo ciclo ligeiramente modificado, que é uma versão melhorada do primeiro, iniciou-se em 2011/12. Mas, apesar do facto de que as escolas foram obrigadas por lei a realizar a sua própria autoavaliação desde 2002 e que tiveram de apresentar um relatório de autoavaliação para o sistema de avaliação externa agora implementado, tanto os dados do IGE e de um estudo recente sobre este tema (Sarrico et al., 2012) mostram que a autorregulação e melhoria da capacidade continuam a faltar na maioria das escolas portuguesas. E isto é particularmente grave quando olhamos para os resultados obtidos pelos alunos portugueses ou nos exames nacionais (incluindo os de acesso ao ensino superior), ou em exames realizados no âmbito de programas

internacionais de comparação, como o PISA, que sempre foram considerados abaixo do nível desejável.

Como o ensino secundário precede o ensino superior, e uma vez que ambos têm necessidade de desenvolver mecanismos internos para garantir a qualidade do ensino e aprendizagem, parece relevante perceber se estes dois setores estão a trabalhar em conjunto para produzir os melhores diplomados possíveis, ou se são simplesmente dois mundos distantes.

2. METODOLOGIA

Seguindo a metodologia utilizada nos trabalhos anteriores do projeto IBAR, a análise para este trabalho também se irá concentrar numa amostra de instituições de ensino superior (IES). Quatro IES públicas foram selecionados para os estudos de caso portugueses, pertencentes tanto ao subsistema universitário (IES α e IES β) como ao subsistema politécnico (IES γ e IES δ). Estas instituições também são diferentes em termos de dimensão de alunos e de localização, a fim de proporcionar uma amostra diversificada, capaz de basear a investigação empiricamente.

Além disso, e devido à especificidade do tema em análise, neste trabalho em particular, nove escolas secundárias públicas foram selecionadas para constituir uma amostra para este setor de educação. Essas escolas foram selecionadas a partir das escolas secundárias existentes localizadas na mesma localidade das IES incluídas na amostra, sendo que a principal razão desta seleção é a possibilidade de descobrir a existência de relações entre o ensino superior e o secundário, devido à proximidade. A amostra também tentou incluir escolas que possuem principalmente alunos que pretendam prosseguir estudos no ensino superior (ensino regular, cursos científico-humanísticos) e escolas que atendem principalmente alunos que desejam entrar diretamente no mercado de trabalho (educação vocacional e profissional), a fim de se poder detetar a existência ou não de algumas diferenças na sua relação com o ensino superior, devido ao seu perfil educacional.

A análise foi desenvolvida em três etapas. Em primeiro lugar, começámos por analisar a legislação nacional e documentos institucionais referentes a diferentes aspetos sobre a relação entre os setores do ensino secundário e superior, relativamente a questões de qualidade. Em segundo lugar, realizaram-se um total de 20 entrevistas com diferentes grupos de atores de cada uma das IES, e 9 entrevistas com os diretores de escolas secundárias que foram transcritas posteriormente para a análise de conteúdo.

Estas entrevistas dirigiram-se, em cada uma das quatro instituições selecionadas, tanto aos membros da administração e gestão central como aos membros das faculdades/ escolas. O primeiro grupo era composto pelo Reitor/ Presidente (ou, em seu lugar, um vice-reitor/ vice-presidente, ou um pró-reitor)

e pelo representante da estrutura de Garantia de Qualidade (ou, em seu lugar, do Senado, da estrutura responsável pelos programas de estudo, ou dos Serviços de Apoio ao Estudante). O segundo grupo foi constituído pelo diretor (ou equivalente), o representante da estrutura de Garantia de Qualidade (relativa à unidade orgânica) e o diretor do programa de estudos.

Mais uma vez, e devido a razões metodológicas, a seleção foi feita tendo em conta, por um lado, as áreas científicas e, por outro, os programas de estudo. O objetivo era escolher diferentes áreas científicas e programas de estudo que fossem ministrados em todas as instituições, independentemente do seu subsistema (universitário ou politécnico). Como resultado, foram escolhidas duas grandes e distintas áreas científicas - Engenharia e Artes - e dois programas de estudo (apenas programas de estudo referentes ao primeiro ciclo) de cada área: Engenharia Civil e Design, na IES α ; Engenharia Civil e Design de Comunicação, na IES β ; Engenharia Civil e Artes e Design, na IES γ e Engenharia Civil e Belas Artes, na IES δ . No sentido de facilitar a referência ao longo do relatório e torná-la mais consistente, a terminologia Engenharia e Artes será usada em todo o relatório para citar as duas áreas investigadas.

Nas entrevistas foram feitas questões similares aos entrevistados de ambos os setores da educação, visto que a intenção era recolher as opiniões dos diretores das escolas secundárias sobre os mesmos temas discutidos com os atores das IES. Os resultados obtidos através de todos os dados recolhidos (quer da legislação quer das entrevistas) são apresentados na secção seguinte, associados à respetiva questão de investigação. Enquanto a análise documental foi a principal fonte de informação ligada à existência de uma relação formal entre o ensino secundário e superior, as entrevistas permitiram uma melhor compreensão de sua realidade e eficácia.

3. RESULTADOS

As secções seguintes oferecem uma síntese dos resultados das quatro IES e das nove escolas secundárias entrevistadas, destacando também, sempre que possível, as diferenças que surgiram entre elas. Os Anexos 1 e 2 apresentam, respetivamente, os resultados detalhados de cada IES e das escolas secundárias, que foram incluídas na amostra.

3.1 Políticas nacionais para o alinhamento entre o ensino secundário e o superior

Os documentos legais mais relevantes (leis e decretos-leis) para o ensino em Portugal foram analisados para descobrir as relações formais entre o ensino secundário e o superior. A conclusão é que aparece muito pouco nesses documentos sobre uma relação entre estes dois níveis de ensino; o que significa que, até agora, não é possível discernir uma política nacional eficaz para promover um alinhamento entre o ensino secundário e o superior. Para além desta não-existência é o facto de que nem a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86), nem o Regime Geral das Instituições de Ensino

Superior (Lei 62/2007) referem-se explicitamente à necessidade de estabelecer uma relação entre os dois setores. Na verdade, a única referência a uma ligação entre o ensino secundário e o superior aparece na Lei de Bases do Sistema Educativo e está relacionada com o acesso ao ensino superior. Esta torna obrigatória a utilização das notas finais dos alunos obtidas no ensino secundário para a seleção de candidatos que desejam entrar no ensino superior.

Além disso, as leis que estabelecem os sistemas de avaliação de qualidade para os setores de educação não fazem qualquer referência à ligação entre eles. A única exceção pode ser considerada no Regime Jurídico da Avaliação do Ensino Superior (Lei 38/2007), onde a cooperação interdisciplinar, interdepartamental e interinstitucional, são referidas como um parâmetro para avaliar as IES. É possível supor que a cooperação interinstitucional poderá incluir também um elo de ligação com o ensino secundário.

As referências na legislação nacional sobre as ligações entre o ensino secundário e o superior são então confinadas principalmente a dois decretos-leis. Um decreto-lei (74/2004) estabelece os princípios que orientam a organização e gestão curricular, bem como a avaliação no ensino secundário, que inclui a necessidade de articulação com o ensino superior. O outro decreto-lei (88/2006) estabelece os CET (Cursos de Especialização Tecnológica), que são cursos pós-secundário de curta duração (dois anos), com uma forte orientação profissional e vocacional que não conferem um diploma do ensino superior. Este decreto-lei estabelece que, se estes cursos não são oferecidos por IES, então deve ser estabelecido um protocolo entre a instituição que oferece o curso (normalmente uma escola secundária) e uma IES. Pode-se considerar então, que estes cursos também pretendem promover uma suave transição do ensino secundário para o superior, por um período em que a educação adicional está mais perto do ensino superior do que do ensino secundário.

3.2 Política institucional sobre a qualidade e progressão do ensino secundário para o ensino superior

Os estatutos das IES incluídas na amostra não mencionam explicitamente qualquer ligação formal ou relação entre o ensino secundário e o superior, nem foi possível identificar na política da qualidade das instituições quaisquer preocupação clara e formal com a progressão do ensino secundário para o ensino superior.

No entanto, os atores institucionais entrevistados forneceram diferentes exemplos de medidas institucionais para apoiar os alunos no seu primeiro ano do ensino superior que serão referidas numa secção posterior deste relatório.

3.3 Formas de acesso ao ensino superior

Como referido no relatório WP6 existem 3 formas diferentes de aceder ao ensino superior em Portugal:

- Concurso nacional, que inclui um regime geral (dirigido aos estudantes que têm um diploma de ensino secundário, ou equivalente, e realizaram os exames nacionais) e um regime especial, destinado aos estudantes dos Açores e da Madeira, estudantes com necessidades especiais, emigrantes portugueses e militares. Este concurso nacional tem duas fases.
- Concurso especial, dirigida a estudantes mais velhos, incluindo os maiores de 23 e estudantes com outras qualificações pós-secundárias adequadas, como é o caso dos cursos de especialização tecnológica – CETs.
- Regimes especiais para estudantes que são atletas de alta competição ou oriundos dos países de língua oficial portuguesa (PALOP).

A maioria dos estudantes entra no ensino superior através do concurso nacional e do sistema centralizado de colocação, que tem por base as preferências dos estudantes e as suas notas, quer no ensino secundário, quer nos exames nacionais. Após um percurso educativo de 12 anos (9 anos de ensino básico e 3 anos de ensino secundário), a condição para ingressar num ciclo de estudos resulta da combinação entre o desempenho dos estudantes no ensino secundário, nos exames nacionais (com um mínimo de 95 valores, de um máximo de 200) às disciplinas consideradas centrais para a escolha do curso, e o cumprimento de certos pré-requisitos, caso existam (como é o caso da música, desporto, etc).

Devido a estas disposições nacionais, as IES não têm muita margem de manobra para implementar as suas próprias políticas institucionais de acesso. Na verdade, a partir da análise do WP6 parecia que nas quatro IES estudadas não existem políticas e procedimentos claros para a garantia da qualidade relativamente ao acesso. No entanto, os dados recolhidos e analisados para o WP6 mostraram que as IES estão a desenvolver algumas estratégias e iniciativas para atrair outros estudantes que não os do concurso nacional de acesso. De facto, em todas as quatro instituições selecionadas, isto acontece para o recrutamento de estudantes mais maduros, com mais de 23 anos, estudantes estrangeiros e estudantes com diplomas CET. No entanto, estas iniciativas parecem ser mais evidentes nas instituições com menor capacidade de atrair estudantes tradicionais no concurso nacional.

Em relação ao concurso nacional, os entrevistados das três IES criticaram, de alguma forma, o sistema de acesso existente, alegando que não permite realmente às instituições escolher os seus alunos. De certa forma, as instituições recebem os alunos que o sistema "lhes dá", que podem não ser exatamente os mais adequados para as matérias que terão de estudar no ensino superior. Na verdade, os exames finais do ensino secundário não são feitos pelas IES e estas apenas referem aos alunos quais os exames nacionais específicos que terão de passar para poderem aceder a cada um dos seus cursos de 1º Ciclo. As IES não fazem exames específicos ou entrevistas para a seleção dos alunos. Além disso, alguns entrevistados (incluindo um diretor da escola e um membro do gabinete do reitor da IES) mencionaram que as notas do ensino secundário e até mesmo as classificações dos exames nacionais estão inflacionadas e não são bons preditores do sucesso dos alunos no ensino superior.

De qualquer forma, numa das instituições, onde há mais dificuldades em atrair os alunos a partir do concurso nacional de acesso ao ensino superior, foi referido que a seleção de alunos não deve ser uma função da IES. Em vez disso, as IES deveriam receber os estudantes através do concurso nacional, mesmo que não sejam tão bem preparados, e, em seguida, trabalhar para melhorar os seus conhecimentos e competências.

O aumento percebido no número de alunos que precisam de apoio levanta preocupações sobre a qualidade académica. Isto foi reconhecido pelos entrevistados, que se referem aos mecanismos institucionais colocados em prática pelas IES para resolver as tais necessidades de apoio ao estudante.

3.4 Mecanismos específicos institucionais para apoiar os estudantes no primeiro ano do ensino superior

O trabalho de investigação realizado no âmbito do WP6 permitiu concluir que as quatro IES estavam a desenvolver sistemas destinados a apoiar grupos específicos de alunos: os alunos com mais de 23 anos, estudantes estrangeiros, estudantes CET e estudantes com problemas financeiros ou de aprendizagem. Os três primeiros grupos constituem atualmente os 'novos' públicos das instituições.

Os dados recolhidos no âmbito deste trabalho também permitem chegar às mesmas conclusões, uma vez que diferentes entrevistados mencionaram a existência de mecanismos especiais, nas suas instituições, para apoiar os alunos no primeiro ano do ensino superior.

Em todas as IES, existem programas especiais dirigidos a alunos do primeiro ano com dificuldades em matemática e às vezes também em física, química e/ou Português. Matemática é uma preocupação especial nos cursos de engenharia, porque muitos dos estudantes provenientes do ensino secundário não possuem o nível de competências necessário nesta área para poderem concluir com êxito as disciplinas de matemática dos seus cursos. Esses mecanismos especiais podem assumir a forma de aulas antes do início do semestre, cuja intenção é trazer as competências e conhecimentos de todos os alunos até o mesmo nível antes das aulas formais começarem, ou a forma de aulas e tutoriais durante o semestre, destinadas a ajudar os estudantes que têm mais dificuldades. Numa IES, um sistema de tutorias pelos alunos e professores foi implementado para auxiliar os alunos do primeiro ano, não só do ponto de vista académico, mas também a nível social, tentando promover uma integração saudável na vida da instituição.

Numa escola de artes, de um instituto politécnico, onde as dificuldades académicas tendem a ser mais intensas, é feito um esforço para dar aulas suplementares de matemática e de língua portuguesa para os alunos que chegam mais tarde (os resultados da 3^a fase do concurso nacional de acesso podem sair em meados do primeiro semestre) ou para os que acedem ao ensino superior através de uma forma não tradicional (estudantes maduros, por exemplo). Para as outras unidades curriculares, como música, design, teatro ou artes plásticas, o apoio ao estudante é dado individualmente nas aulas,

dentro dos projetos que são desenvolvidos por eles. Os professores, nestes casos, tendem a dar aos alunos um apoio individualizado de acordo com o seu nível de competência.

Uma universidade também promove o que eles chamam de "disciplinas de ponte" na área da matemática e que pretendem oferecer também no futuro nas áreas da química, biologia, física e língua portuguesa (as disciplinas onde a maioria dos alunos do ensino secundário têm exames finais para o acesso ao ensino superior). Estas disciplinas são dirigidas a jovens que abandonam a escola secundária, mas ensinadas por professores do ensino superior; a ideia básica é preparar os alunos para o ensino superior.

Além disso, em três das IES analisadas, têm sido feito esforços para identificar o nível de conhecimento e de competências dos alunos do primeiro ano em diferentes áreas, para que o conteúdo de pelo menos algumas disciplinas do primeiro e segundo ano possa ser adaptado à formação académica dos estudantes. Isto está a acontecer principalmente nas unidades curriculares ligadas à física, matemática e química.

Em duas instituições politécnicas foi também feita referência aos CETs como uma forma de suavizar a transição entre o ensino secundário e superior. Os estudantes que frequentam um curso CET entram em contacto e ficam familiarizados com o ensino superior, embora não sejam exatamente estudantes do ensino superior. Assim, quando concluem o curso CET e decidem ingressar no ensino superior, já possuem uma melhor preparação para tirar proveito da oportunidade que o ensino superior lhes oferece. Além disso, os docentes da mesma área que lecionam nos CETs e nos cursos do 1º Ciclo estabelecem muitas vezes um diálogo entre eles (por vezes, são ainda os mesmos professores), discutindo como articular ambos os cursos e como usarem uma linguagem e abordagem comuns dos conteúdos curriculares. Um diretor de escola referiu que os CETs têm alunos com um perfil mais alinhado com o politécnico da sua região.

Por fim, é de ressaltar que os mecanismos das IES para auxiliar os alunos no seu primeiro ano praticamente não são referidos pelos diretores das escolas secundárias. Na verdade, quando se fala sobre isso, a maioria deles admitiu não ter qualquer conhecimento sobre o assunto. O mesmo desconhecimento está presente nos atores das IES quando lhes foi perguntado sobre a existência de mecanismos especiais nas escolas secundárias para preparar os seus alunos a tirarem o máximo proveito do ensino superior.

3.5 Preparação dos alunos do secundário para aproveitar ao máximo a oportunidade do ensino superior que lhes é oferecida

Como já foi referido, em geral, os atores das IES não tinham conhecimento de mecanismos nas escolas secundárias para preparar adequadamente os alunos para o ensino superior. Eles basicamente referem-se à baixa qualidade académica dos alunos do primeiro ano, bem como o facto de que eles

tendem a ser mais imaturos do que há alguns anos; não sendo suficientemente autônomos para tomar as suas próprias decisões (como supostamente promovida pelo processo de Bolonha). Estas bases consideradas de alguma forma deficientes foram enfatizadas como uma possível razão para as taxas de insucesso que são significativas no ensino superior. Pelo menos um diretor da escola também tende a concordar que o nível académico dos alunos é menor do que o que seria desejável. Ele mencionou que, muito provavelmente, isso aconteceu porque os conteúdos do currículo do ensino secundário não eram tão exigentes como deveriam ser, e/ou não eram os mais adequados para o ensino superior, o que leva com que os alunos que ingressam no ensino superior não tenham uma preparação académica adequada, capaz de assegurar o seu sucesso académico.

Numa universidade, mais especificamente numa escola de engenharia, foi mencionado que a quantidade traz problemas de qualidade, e que, provavelmente, alguns alunos que estavam em cursos da universidade deveriam estar em cursos de politécnicos, dado o seu carácter mais profissional. Curiosamente, porém, numa instituição politécnica, foi mencionado que o ensino secundário treina os estudantes a memorizar, o que não é muito útil para um curso no politécnico, uma vez que se baseia na aplicação do conhecimento existente.

No entanto, existem também atores nas IES que tinham uma visão mais positiva sobre as bases académicas dos alunos quando chegam ao ensino superior. Na escola de engenharia de um instituto politécnico foi mencionado que nos últimos anos os alunos parecem estar mais focalizados, eles parecem saber melhor como tirar proveito do ensino superior. E o presidente desta instituição ainda mencionou que os alunos não ingressam no ensino superior com esse pouco conhecimento como às vezes se refere. O que acontece é que às vezes eles trazem conhecimento que não irão precisar diretamente no ensino superior e trazem falta de conhecimento em áreas que de facto precisam para ter sucesso nas várias disciplinas.

Esta mesma ideia é transmitida por um diretor da escola quando refere o desfasamento entre os conteúdos curriculares de ambos os setores educacionais. Ele menciona que, por vezes, os alunos vão para o ensino superior e repetem o que aprenderam na escola secundária (especialmente quando entram em institutos politécnicos), enquanto noutras vezes eles têm falta de conteúdos necessários no ensino superior que deveriam ter sido aprendidos na escola secundária (especialmente na matemática). Um outro diretor mencionou que existem muitos bons alunos e que o ensino secundário não é tão básico como, por vezes, o ensino superior gosta de pensar que é.

As Olimpíadas da Química, o concurso PmatE (projeto matemática ensino) e o programa Ciência Viva (promoção da cultura científica) são iniciativas mencionadas por uma IES como sendo promovidas pelo ensino superior e terem um impacto significativo na preparação dos alunos das escolas secundárias (se a oportunidade para participarem for tomada pelas escolas secundárias).

Quando se questiona as escolas sobre a preparação que é dada aos seus estudantes para que possam tirar o máximo proveito do ensino superior, os diretoras das escolas imediatamente remetem para o destaque que as escolas secundárias estão a colocar na preparação científica e académica dos estudantes. Eles tendem a concordar que esta é a preparação mais importante que os alunos devem ter para ter sucesso no ensino superior. Como um diretor de escola mencionou "quanto melhor terminarem o ensino secundário, em termos académicos, melhor estarão preparados para ter sucesso no ensino superior" (Escola D).

Para melhorar a formação académica dos alunos, as escolas tendem a organizar-se para oferecer aos alunos aulas extras de apoio durante o ano (a partir do 10º ano e na maioria das vezes com os seus próprios professores), bem como aulas intensivas especiais para ajudar a prepará-los para o exames finais (para todas as disciplinas com exames nacionais finais; essas aulas ocorrem nas duas a três semanas antes dos exames). Algumas dessas aulas são abertas a todos os alunos, mas cabe a eles decidirem participar ou não, enquanto noutros casos os professores identificam os alunos que precisam de assistir a essas aulas. Além disso, numa escola foi mencionado que o seu diretor fez um esforço explícito para constituir uma equipa de professores para o ensino secundário com o melhor perfil possível em termos de poderem oferecer uma formação académica sólida aos alunos. Numa outra escola a estabilidade do corpo docente e um destaque para a continuidade pedagógica, durante os três anos do ensino secundário, foram mencionados como pontos fortes para promover a preparação académica dos alunos. Um investimento em aulas práticas de laboratório, tanto nas ciências como na física, foram outros mecanismos mencionados por um diretor da escola para melhorar a formação académica dos estudantes. Por fim, numa escola bastante problemática, onde as expectativas dos alunos em relação à ida para o ensino superior são bastante baixas, foram criadas aulas com os melhores alunos e com os melhores professores, a fim de tentar melhorar o sucesso dos alunos e a probabilidade de entrar ensino superior.

Quase todos os diretores de escolas mencionaram a existência de serviços de orientação profissional nas suas escolas e destacaram o seu papel na transição dos alunos do secundário para o ensino superior. Estes serviços, que na maioria dos casos, têm um psicólogo, oferecem aos alunos uma visão geral dos ciclos de estudos disponíveis em diferentes IES e das suas condições de acesso; mas também aconselham os alunos no processo de selecionar a melhor opção. Numa das escolas, os alunos são alertados para o facto de que o ensino secundário e superior são dois mundos diferentes e que na maioria das vezes, as especificidades do curso em que estarão inscritos apenas será visível no segundo ou terceiro ano de estudos, uma vez que o primeiro ano de muitas IES é o mesmo para um conjunto de cursos diferentes.

Por fim, alguns diretores de escola mencionaram a existência de atividades extracurriculares, algumas oferecidas fora da escola, como forma de preparar os alunos para a sua vida em sociedade, como

cidadãos. Um diretor mencionou especificamente a preocupação da sua escola com a preparação dos seus alunos no sentido de trabalharem de forma autónoma e de investirem na sua própria educação.

3.6 Alinhamento dos requisitos da garantia da qualidade entre o ensino secundário e o superior

Conforme referido na introdução deste relatório, ambos os setores educacionais estão sujeitos a processos de avaliação externa, que não são tão diferentes assim, pelo menos na forma como são organizados. Ambos os sistemas são baseados num relatório de autoavaliação da instituição avaliada, uma visita à instituição por um painel de avaliadores externos, e um relatório de avaliação externa, que é tornado público. O que se torna comum para ambos os sistemas é que estes têm de estabelecer que as instituições precisam de desenvolver mecanismos internos para garantir a qualidade do ensino e aprendizagem.

A partir das entrevistas realizadas, de facto as IES e as escolas secundárias parecem estar a mundos de distância em relação ao seu conhecimento dos sistemas de qualidade um do outro. A única exceção nas IES é os docentes que participam nos painéis de avaliação externa no sistema de avaliação externa das escolas (estas comissões são compostas por dois inspetores da Inspeção-geral da Educação e Ciência e um membro considerado leigo que geralmente é um docente).

De qualquer forma, quando os entrevistados não declaram a sua ignorância sobre o sistema de garantia de qualidade do outro setor educacional, tendem a afirmar que ambos os sistemas são completamente independentes e/ou que não há alinhamento entre os dois. O presidente de um instituto politécnico menciona que as escolas e as IES são realidades bastante diferentes, o que, obviamente, leva a que tenham diferentes mecanismos de garantia da qualidade (ainda que existam preocupações comuns em termos de qualidade pedagógica). Por exemplo, as escolas não têm autonomia pedagógica para decidir os seus currículos ou os conteúdos das diferentes disciplinas; como tal, estas não têm que se preocupar com o ajuste entre os conteúdos curriculares e as competências, nem têm que atualizar periodicamente os conteúdos curriculares. As escolas estão muito mais preocupadas com as notas que os seus alunos alcançam, porque isso determina as suas posições no ranking. Um diretor da escola mencionou que a avaliação externa das escolas analisa os resultados académicos dos alunos, mas não considera a integração do ensino secundário e superior. E um outro diretor mencionou que enquanto os estudantes do ensino superior têm uma voz (pois estes respondem a inquéritos de satisfação), nas escolas isso não é possível, porque aí os estudantes são muito imaturos e, provavelmente iriam avaliar melhor os professores mais simpáticos.

No entanto, houve um diretor de escola que, apesar de dizer que não sabia muito sobre o sistema de garantia de qualidade do ensino superior, acredita que não deve ser tão diferente do das escolas secundárias: "Será também sobre os processos, resultados, liderança, e prestação de serviços" (Escola D). E um outro diretor apontou que as estruturas organizacionais das IES e das escolas não são tão

diferentes assim e que ambos os sistemas de avaliação também não são tão diferentes como parecem ser.

Alguns dos entrevistados fizeram referências ao sistema de avaliação dos docentes recentemente implementado em ambos os setores (estes sistemas não são iguais; existe um sistema nacional de ensino não superior, enquanto que no caso do ensino superior, cada instituição tem vindo a desenvolver o seu próprio sistema, embora tendo em conta diretrizes nacionais - ver o relatório WP10 para mais informações sobre este assunto). Em todos os casos foi mencionado que o sistema foi mais facilmente implementado no ensino superior do que no ensino secundário. A este respeito, um representante de um instituto politécnico mencionou que garantir as capacidades e competências de ensino, através dos sistemas de avaliação não garante que os alunos adquiram o conhecimento necessário para ter sucesso no ensino superior. Além disso, na sua opinião, não foi possível identificar uma relação linear entre a existência de um sistema de avaliação da qualidade e a dedicação dos docentes aos seus alunos, e o seu desenvolvimento para serem bons profissionais.

Numa escola de artes (de uma instituição politécnica) foi mencionado que, em relação à avaliação dos alunos, a situação foi bastante diferente entre os dois setores da educação: enquanto no ensino secundário, o objetivo principal reside na avaliação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos, no ensino superior a ênfase é colocada nas competências que os graduados precisam de ter.

Além disso, alguns diretores de escola reclamaram sobre o programa de avaliação externa existente. Um deles mencionou que o sistema não era eficiente nem eficaz: "As escolas têm sempre bom ou muito bom, mas não são tão boas assim. Em alguns aspetos ficam até abaixo do aceitável" (Escola B). Outro diretor de escola referiu que os relatórios de avaliação externa não são muito úteis, uma vez que tendem a ser muito genéricos e muito parecidos para escolas diferentes. Um terceiro referiu ainda que não consegue ver uma relação entre o processo de avaliação externa da escola e a "produção" dos melhores alunos possíveis para o ensino superior: "a avaliação externa tende a ser muito mais sobre o que a escola diz que faz do que sobre o que a escola realmente faz. (...) Não reflete o trabalho pedagógico que é feito" (Escola F). Ainda um outro diretor menciona que, apesar de a autoavaliação ser uma fase crítica no programa, as escolas nunca foram formalmente treinadas para o fazer. Ele também alega que a avaliação externa não deve ter um efeito punitivo; pelo contrário, as escolas com resultados pobres devem ser ajudadas a melhorar o seu desempenho.

Por outro lado, dois diretores referiram os benefícios do programa, ou seja, a oportunidade que dá a todos de pensar sobre o que a escola é, o que é que tem sido feito, os seus processos e resultados, para poder refletir sobre opções a tomar no futuro e saber o que tem de ser alterado. A avaliação externa permite um olhar diferente para a forma como a escola funciona e, por vezes, até ajuda a descobrir as boas práticas que não foram valorizadas como tal no âmbito da escola.

3.7 Processos de comunicação formais entre os setores de ensino secundário e superior

A partir dos documentos analisados e das entrevistas realizadas, ficou claro a ausência de processos formais, seja a nível nacional ou institucional, em que o ensino secundário e o ensino superior comuniquem um com o outro. Como resultado desta ausência, ambos os setores não sabem o que acontece nas instituições de cada um, o que é uma situação pouco cooperante, dado o facto de que um número significativo de estudantes se deslocam de um setor diretamente para o outro a cada ano.

De qualquer forma, quando esta comunicação acontece, e a maioria dos entrevistados disse que não acontece tão frequentemente como deveria, os processos são sempre informais e muito dependentes da boa vontade dos docentes e gestores de ambos os lados.

Nível Nacional

A nível nacional, e apesar do facto de que, ao contrário do passado, hoje em dia ambos os setores estarem sob o mesmo ministério (Ministério da Educação e Ciência), os entrevistados não veem quaisquer processos formais de comunicação entre os dois setores. As reformas são feitas em cada um dos setores independentemente do outro, e não tendo em consideração as repercussões que possam vir a ter para o outro (um exemplo é o processo de Bolonha).

Os entrevistados fizeram referência a dois órgãos nacionais como possíveis espaços para que esta comunicação aconteça: o Conselho Nacional de Educação (onde há representantes - os conselheiros - dos dois setores) e o Conselho de Escolas (um órgão que representa os diretores das escolas). A nível regional, foi feita menção ao Conselho Municipal de Educação, onde os representantes dos diferentes níveis de ensino também estão presentes e a trabalhar juntos. No entanto, esses três órgãos têm as suas próprias agendas e, até agora, não tiveram a missão para trabalhar numa melhor articulação entre o ensino secundário e o superior. Este é, provavelmente, o motivo pelo qual até agora nada saiu, muito específico, sobre esta articulação desses três órgãos, pelo menos tal como é entendido pelos entrevistados.

Nível Institucional

A nível institucional, o único processo formal de comunicação entre os dois setores da educação que foi referido pelos entrevistados é a presença de "representantes das Escolas nos conselhos gerais das IES que decidiram cooptá-los".

Os restantes processos existentes são considerados informais e em geral, podem ser classificados em seis grupos:

- Visitas de alunos do ensino secundário às IES, seja com um propósito específico, ou em "Dias Abertos" ou "Semanas Abertas" promovidos pelas IES. Neste último caso, a ideia das instituições é mostrarem-se, a fim de atrair os estudantes. Numa das universidades, há um

programa de verão destinado a alunos do ensino básico e secundário, onde podem ter contacto direto com a universidade durante uma semana inteira.

- Visitas das IES, como um todo, ou programas de estudo individuais, feitas às escolas secundárias. Mais uma vez a ideia das instituições consiste em se apresentarem ao mercado e, também, dar a conhecer os seus programas de estudo, a fim de atrair mais e melhores estudantes. Neste contexto, alguns entrevistados das IES mencionaram que as escolas sentem-se um pouco cansadas de tantas visitas que recebem a cada ano, e não querem gastar tempo dos alunos nessas atividades, num ano em que eles têm de se preparar para os exames finais nacionais (geralmente essas atividades são destinadas a estudantes do 12º ano). Alguns diretores de escola mencionaram que as IES costumam enviar informações sobre si mesmos e sobre os seus programas de estudo (incluindo programas de formação especificamente destinadas à aprendizagem ao longo da vida dos professores), cabendo à escola distribuí-la internamente (o que é feito através de seus serviços de orientação profissional).
- Os estágios que treinam os professores são feitos nas escolas secundárias. Estes estágios são obrigatórios e os alunos devem ter dois supervisores, um da IES e outro da escola. Durante o estágio, os supervisores tendem a discutir entre si a articulação entre ensino secundário e superior, avaliando regularmente a cooperação existente e delineando estratégias para melhorar, pelo menos essa parte específica da formação dos professores.
- Os institutos politécnicos mencionaram a conceção dos CETs, bem como a possibilidade de ambas as escolas e os professores das IES estarem envolvidos na sua conceção, como uma oportunidade para as escolas e IES comunicarem.
- As IES também abrem as suas instalações e laboratórios aos alunos do ensino secundário, para que estes possam usá-los para fazer um trabalho prático que às vezes não podem fazer nas suas próprias escolas. E as escolas aproveitam esta oportunidade e, sempre que possível, usam-na. Curiosamente, uma escola de artes de uma universidade também mencionou que os seus alunos utilizam os recursos da oficina de uma escola secundária da cidade (o que constitui também uma oportunidade, ainda que informal, para uma discussão entre os professores de ambos os níveis de ensino sobre uma melhor articulação em termos dos conteúdos curriculares, para evitar a repetição ou lacunas na sua educação).
- Sempre que solicitado por colegas do ensino secundário, as IES promovem seminários e cursos de formação de curta duração nas escolas do ensino secundário e destinados aos professores da escola. Eles também participam nas atividades das escolas quando são solicitados a fazê-lo.

Além destes processos, que são comuns a quase todas as IES e escolas, alguns entrevistados mencionaram ações específicas realizadas nas suas próprias escolas ou instituições, tais como: a integração da biblioteca da universidade na rede de bibliotecas das escolas; um projeto internacional

sobre o ensino da química que envolve os professores da escola; a participação dos diretores das escolas nas reuniões relacionadas com a elaboração dos estatutos de um instituto politécnico; a participação num programa Ciência Viva promovida pelo Instituto Politécnico da cidade; estágios dos alunos do ensino secundário do ensino profissional num instituto politécnico da cidade (neste caso, os estudantes têm um supervisor da IES, para além de um da escola, e ambos são responsáveis pelo exame final do aluno, uma exigência para completar o seu diploma); um programa de três anos em química e física (do 10º ao 12º anos) em que os alunos têm de construir um conjunto de mecanismos que correspondem ao conteúdo científico dessas disciplinas e fazê-lo simultaneamente na escola e na universidade; os alunos do ensino secundário da formação profissional vão à universidade para ter aulas formais. Duas escolas também mencionaram que vários alunos de mestrado e doutoramento usam a escola e os seus professores para fazerem o trabalho empírico das suas teses (ex.: estudos sobre os hábitos de higiene dos alunos; sobre o consumo de substâncias ilícitas pelos alunos, sobre o comportamento dos alunos). E duas escolas mencionaram a sua participação em projetos de investigação desenvolvidos por IES.

É interessante notar que, pelo menos numa escola foi mencionado que mesmo o instituto politécnico da cidade teve uma atitude bastante passiva para com a escola. O que é muito estranho, pois é um facto que os politécnicos portugueses, mesmo os públicos, estão numa situação má em relação à captação de novos alunos, e em risco de ter de fechar alguns cursos superiores.

No entanto, e como apontado por um dos entrevistados, no passado, as IES não se importavam muito com as escolas secundárias; simplesmente recebiam os seus alunos para o ensino superior. Hoje em dia, já que há uma escassez de candidatos ao ensino superior, a atitude das IES tem vindo a mudar e estão a começar a olhar com mais atenção para as escolas secundárias, tentando abrirem-se e a estabelecerem parcerias com essas escolas. As IES estão cada vez mais a aparecer nas escolas, mostrando-se, promovendo concursos, especialmente dirigidos a alunos do ensino secundário, tentando criar vínculos entre os potenciais candidatos e a instituição, a fim de os atrair (Escola E).

3.8 Alcançar um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior

Quase todos os entrevistados mencionaram que um alinhamento entre ambos os setores deve ser promovido, ajudando a melhorar a sua qualidade de ensino e aprendizagem, bem como a preparação dos estudantes e dos futuros diplomados. Um representante de uma IES afirmou que deveria existir um contacto permanente, porque existe um enorme potencial nas relações que podem ser estabelecidas entre ambos os setores.

O diretor de uma escola mencionou que existe uma lacuna entre ambos os setores, onde deveria haver uma continuidade, e que as IES devem ser as mais interessadas nessa continuidade, porque as escolas secundárias terminam de alguma forma um trabalho onde as IES estão prestes a começar o deles. As IES devem tomar a iniciativa e discutir com as escolas secundárias formas de melhorar a preparação

dos alunos para o ensino superior. No entanto, um outro diretor da escola disse que as IES estão a fazer o seu melhor para promover esta articulação, e que não há muito mais que se possa fazer a esse respeito. Não é assim tão fácil promover uma articulação entre os dois setores, pois cada IES é uma realidade diferente e preparar os alunos para uma, não é necessariamente o mesmo que prepará-los para outra.

Como conseguir um melhor alinhamento não foi uma questão fácil de responder, mas a maioria dos entrevistados acabou por dizer que o Ministério da Educação e Ciência deveria ser a entidade para o promover formalmente, colocando um verdadeiro esforço na comunicação dos dois setores de ensino. E, já que agora só existe um ministério responsável por ambos os setores (pois antes o ensino não superior e o ensino superior estavam sob diferentes ministérios), pode ser que seja mais fácil de trabalhar esta questão, nomeadamente em termos de articulação de conteúdos curriculares (a este respeito, alguns entrevistados alertam para um desalinhamento entre o ensino secundário e superior nas disciplinas básicas - matemática, química, física, o que leva à existência de lacunas e repetições). Dois diretores de escola sugeriram que poderia ser criado um grupo de trabalho no ministério para promover a articulação entre os dois setores, especialmente a nível curricular, e para planear, pelo menos a médio prazo, os conteúdos que devem ser ensinados no ensino secundário de forma a preparar adequadamente os alunos para o ensino superior.

Outras formas de alinhamento mencionadas incluem seminários nas escolas ministradas por docentes das IES (da região); uma alteração na altura do ano em que se realizam os Dias Abertos nas IES, do 3º período do ano letivo para o 2º, porque quanto mais próximo do final do ano mais os alunos estão absorvidos com a sua preparação para os exames finais, e estarão menos dispostos a participar noutras atividades; a participação de professores do ensino secundário de língua portuguesa nos CETs oferecidos pela instituição politécnica da região; a promoção de um debate sobre este tema, tanto no Conselho Nacional de Educação como no Conselho de Escolas; promoção das atividades das IES especialmente dirigidas a estudantes do ensino secundário; motivar os professores para estudarem em mestrados e doutoramentos (porque quando estes estão matriculados nestes programas estão em permanente contacto com as IES); valorização do trabalho de supervisão realizado pelos professores das escolas relativamente aos estagiários das IES; a criação de um fórum onde os professores do ensino superior e secundário pudessem comunicar entre si e discutir questões relativas à transição dos alunos entre os dois setores de ensino, e o aumento da participação de representantes das IES nos conselhos gerais das escolas.

Alguns entrevistados mencionaram que a situação atual, nomeadamente a crise económica que o país enfrenta, pode, paradoxalmente, levar a uma melhoria na comunicação entre o ensino secundário e o superior. As IES precisam de fazer mais para atrair os alunos do ensino secundário, enquanto nas escolas secundárias, há uma maior preocupação em apresentar aos estudantes as várias possibilidades para continuarem os seus estudos. Assim, uma ligação mais estreita entre as IES e as escolas de uma

mesma região pode ser uma opção para prosseguir no futuro, visto que ir para uma IES local é certamente uma opção mais barata.

4. CONCLUSÃO

4.1 *Sumário dos resultados*

Os alunos quando terminam a sua formação secundária e querem continuar os seus estudos, de facto, vão para as IES, sejam institutos politécnicos ou universidades. Promover um alinhamento entre os dois setores de ensino certamente implica a melhoria da qualidade de cada um.

No entanto, os dados recolhidos e analisados neste trabalho mostram que atualmente existe uma lacuna entre estes dois setores de ensino. A nível nacional, não existe uma política ou disposição legal que promova um alinhamento e articulação entre os dois; ainda não existem fóruns ou outras estruturas que promovam a comunicação e discussão entre os dois, nem mesmo em relação à articulação dos conteúdos curriculares. Parece, então, que a situação atual é que de facto são dois mundos separados, o que é bastante claro nas respostas dos entrevistados (ou na ausência delas), quando questionados sobre os mecanismos institucionais que as IES têm para ajudar os alunos no seu primeiro ano do ensino superior e, em que medida é que os alunos do ensino secundário estavam preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece. Na verdade, os diretores das escolas não sabem muito sobre o que as IES estão a fazer para os seus alunos do primeiro ano, enquanto os representantes das IES não têm conhecimento das medidas que as escolas secundárias tomam para aumentar a possibilidade de sucesso dos seus alunos no ensino superior. E isso acontece mesmo que ambos os setores disponham realmente de mecanismos para tentar amenizar o processo de transição entre os dois setores de ensino. O mesmo desconhecimento de um setor em relação ao outro surge novamente quando os entrevistados são questionados sobre o sistema de garantia de qualidade de cada um.

Como um diretor da escola refere, o sentimento atual é de que “as escolas e as IES são de países diferentes, com diferentes realidades, com diferentes universos, e eu não sinto que houve uma evolução nesse sentido” (Escola G). E isto não deveria ser assim. Ou, como um diretor de escola de artes mencionou “eles [no ensino secundário] precisam de saber o que seus alunos vieram fazer aqui e nós [das IES] precisamos de saber o que eles estão a fazer lá, para que possamos construir pontes”.

Além disso, e tal como referido na introdução deste relatório, o acesso ao ensino superior é de facto o ponto de contacto entre os dois setores. Mas, novamente, a este respeito a articulação é mínima. Uma vez que a grande maioria dos alunos ingressam no ensino superior através de um concurso nacional e um sistema de colocação centralizado, as IES não têm realmente uma política formal de acesso e as

suas políticas institucionais não incluem explicitamente preocupações com a transição do secundário para o ensino superior.

Para concluir, é possível afirmar que, atualmente, a comunicação e o alinhamento entre ensino médio e superior são bastantes fracos e pouco sistemáticos, sendo evidente que cada setor tem conhecimento do que está a acontecer no outro. Além disso, ambas as escolas secundárias e instituições de ensino superior estão a desenvolver os seus próprios sistemas internos de garantia de qualidade, aparentemente sem prestar muita atenção uns aos outros. Assim, embora haja alguma evidência de comunicação entre o ensino secundário e superior, bem como algumas semelhanças entre os dois sistemas nacionais de avaliação da qualidade, parece que ambos os setores ainda funcionam como mundos separados. E esta é, certamente, um obstáculo para a melhoria da qualidade e para o tecido de uma sociedade mais desenvolvida, uma vez que os alunos de escolas secundárias serão os estudantes do ensino superior, este relacionamento muito importante "fornecedor-cliente" deve ser cuidadosamente cuidado e valorizado.

4.2 Identificação das barreiras e das boas práticas institucionais

De todos os dados recolhidos e analisados para o caso Português, chegámos ao seguinte conjunto de barreiras para um alinhamento efetivo entre o ensino secundário e superior:

1. A não existência de uma estrutura formal ou órgão de decisão responsável pela implementação de mecanismos formais de comunicação entre os dois setores;
2. A ausência de legislação nacional ou disposições legais obrigando, a pelo menos, a promoção da cooperação;
3. As políticas institucionais das IES não incluem preocupações com a qualidade e a progressão dos alunos do secundário para o ensino superior;
4. O currículo do ensino secundário é nacionalmente estabelecido e não pode ser alterado ao nível da escola;
5. Desalinhamento dos conteúdos curriculares das disciplinas básicas entre o ensino secundário e o superior;
6. Até há bem pouco tempo os dois setores estavam sob diferentes ministérios, o que pode ter contribuído para uma diferença mais profunda entre os dois.

Em termos de boas práticas institucionais, e a partir da análise de todos os dados recolhidos, surgiram as seguintes:

1. Mecanismos a nível das IES para superar as lacunas que alguns alunos do primeiro ano apresentam, quer a nível do conhecimento quer de competências;
2. O esforço feito pelas escolas secundárias para melhorar o nível académico dos alunos;

3. A existência de serviços de orientação profissional nas escolas secundárias, ajudando os alunos a escolher o curso do ensino superior mais adequado às suas capacidades e competências;
4. Visitas das IES às escolas, bem como visitas das escolas e dos seus alunos às IES;
5. Estágios no âmbito dos cursos de formação de professores das IES;
6. Presença de representantes de escolas nos conselhos gerais das IES;
7. Articulação na conceção dos CETs.

4.3 Recomendações para os gestores institucionais, diretores das escolas e decisores políticos

Tendo em consideração todos os dados recolhidos e a análise feita para o caso Português, chegamos ao seguinte conjunto de recomendações, dirigidas aos gestores institucionais, diretores de escolas e decisores políticos.

Recomendações para os gestores das IES

1. Criar um grupo dentro da instituição para efetivamente articular com o ensino secundário, ou seja, em termos de conteúdos curriculares de disciplinas como Matemática, Física, Química e Português.
2. Dar *feedback*, através do Conselho Nacional de Educação, ao ensino secundário e ao Ministério as lacunas que os estudantes trazem quando entram no ensino superior.
3. Serem mais pró-ativos em termos de escolha para definir a estrutura e o conteúdo dos exames de acesso ao ensino superior.

Recomendações para os diretores de escola

1. Criar um grupo dentro da escola para efetivamente articular com as IES, nomeadamente com aquelas mais próximas em termos geográficos ou aquelas que absorvem a maioria dos alunos da escola.
2. Aproveitar a oportunidade para participar nos cursos e iniciativas desenvolvidas no ensino superior, especialmente as dirigidas a alunos do ensino secundário.

Recomendações para os decisores políticos

1. Criar um fórum onde a comunicação e a articulação entre os dois setores seja incentivada.
2. Promover o desenho dos conteúdos curriculares das disciplinas básicas do ensino secundário alinhados com as necessidades do setor do ensino superior.

5. REFERÊNCIAS

ENQA (2006). *Quality Assurance of Higher Education in Portugal: An Assessment of the Existing System and Recommendations for a Future System*. Occasional papers 10. Helsinki, Finland.

ENQA (2009). *ENQA report on Standards and Guidelines for Quality Assurance in the European Higher Education Area*, 3rd ed. European Association for Quality Assurance in Higher Education, Helsinki, Finland. Available at: <http://www.enqa.eu/pubs.lasso>.

Land, R., Eggins, H., Gordon, G., Owen, C. and Boon, S. (2011). *Quality and Access – Comparative study, IBAR Project Work-Package 6*.

Sarrico, C.S., Rosa, M.J., Manatos, M.J. (2012). School performance management practices and school achievement, *International Journal of Productivity and Performance Management*, 61(3), pp.272 – 289.

ANEXO 1 – DADOS INSTITUCIONAIS POR IES

IES α

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	<p>A instituição promove um curso em matemática que faz a ponte com o secundário e pretende oferecer noutras áreas como a Química, Física, Biologia e até mesmo Língua Portuguesa (porque estas são as áreas de acesso ao ensino superior). São cursos dirigidos a estudantes do último ano do ensino secundário, mas ensinados por professores do ensino superior. A ideia é preparar os alunos do ensino secundário para o ensino superior. Até agora, o único que tem sido realizado, a Matemática, tem sido um sucesso.</p> <p>A instituição tem implementado um sistema de tutorias para os alunos do primeiro ano, por colegas e professores, para auxiliar os alunos do primeiro ano, não só em termos científicos, mas também acompanhá-los a nível social durante o período de transição. A comissão de curso também desempenha um papel a este nível, principalmente na ligação dos estudantes aos docentes.</p> <p><i>Engenharia</i> Há cursos de introdução à matemática que podem ser feitos antes dos alunos entrarem na IES. Mas o número de alunos que os fazem ainda é baixo para se poder fazer uma análise sobre a sua eficácia e, alguns dos que fazem nem sequer chegaram à instituição.</p> <p>O curso de Análise Matemática I (primeiro ano do curso em todos os currículos de engenharia) é oferecido no primeiro semestre e, depois, novamente no segundo semestre para que os alunos que não conseguiram fazer na sua primeira vez terem outra oportunidade, para evitar que tenham de fazer no seu segundo ano.</p> <p><i>Artes</i> O representante do diretor da escola sente que os exames de acesso que os alunos do ensino secundário fazem para ingressar no ensino superior nem sempre são feitos ou avaliados adequadamente, o que resulta em ter alunos no 1º ano que não possuem os conhecimentos e características necessárias para as disciplinas que têm de estudar. Esses exames não são elaborados por docentes da instituição.</p>
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>Os docentes do primeiro ano referem que a cada ano que passa os alunos do ensino secundário que entram no ensino superior estão pior preparados e são menos adultos e mais crianças.</p>
<p>WP12.3</p>	<p>Alguns dos docentes da instituição atuam como avaliadores externos das escolas no âmbito do Programa de Avaliação Externa da</p>

<p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>Inspeção-Geral da Educação e Ciência. <i>Artes</i> O representante da direção da escola não tinha conhecimento do Programa de Avaliação Externa.</p>
<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>A nível nacional, há uma dissociação significativa entre os setores de ensino secundário e superior. Sempre que as reformas são feitas num ou noutro nível de ensino, estas sempre acontecem independentemente do outro nível e sem o ter em consideração. Isto aconteceu com o Processo de Bolonha (Vice- Reitor).</p> <p>A nível institucional, a maioria dos ciclos de estudos são muitas vezes desenhados sem uma ideia clara sobre qual será o seu público (alunos do secundário). E a definição dos exames de acesso é também feita sem ter em conta os cursos do secundário. Este é um problema que pode até resultar em elevadas taxas de insucesso (Vice- Reitor).</p> <p>Não existe muita comunicação entre o ensino secundário e o superior. Um dos principais membros da equipa de gestão da instituição refere que nada é feito em termos de divulgação de informação para os alunos do ensino secundário. No entanto outros referem que este ano os alunos e os docentes têm ido às escolas secundárias para comercializar os ciclos de estudos da instituição - estratégias para promover a instituição no campo do ensino secundário. E eles são normalmente acompanhados por pessoas do Gabinete de Comunicação e Imagem.</p> <p>A instituição tem várias parcerias estabelecidas com escolas secundárias, nomeadamente em termos de formação de professores da escola. Os estudantes dos cursos de ensino da IES fazem os seus estágios nas escolas e têm um supervisor da escola. As reuniões entre a equipa académica do curso e supervisores dessas escolas acontecem regularmente para avaliar a cooperação e melhorar esta parte específica do ciclo de estudos.</p> <p>As bibliotecas da instituição estão na mesma plataforma <i>online</i> como as bibliotecas das escolas secundárias do distrito. E no âmbito desta rede, os diretores das escolas vão à universidade para definir estratégias comuns, nomeadamente em termos de apoio da instituição.</p> <p>Há representantes da instituição nos Conselhos Gerais das escolas da zona, nomeadamente, em três escolas secundárias.</p> <p>A IES também participa no "Conselho Municipal de Educação", onde há interação significativa entre todos os níveis de ensino.</p> <p><i>Engenharia</i> No Verão, existem programas como a "Ciência Viva" onde os alunos do ensino secundário vão para a universidade.</p> <p>Existem esforços para visitar as escolas secundárias antes do período da realização dos exames a fim de atrair os alunos para os cursos da escola de Engenharia. E há também esforços para trazer alunos do ensino secundário para a instituição, mostrando-lhes as instalações e o trabalho que está a ser desenvolvido.</p>

	<p><i>Artes</i></p> <p>A escola faz "road-shows", onde é mostrado um vídeo de apresentação da Escola de Artes e dos seus programas de estudo, mostrando o que a escola oferece aos seus alunos. Normalmente, os representantes de cada um dos ciclos de estudos falam com os alunos do ensino secundário sobre os seus ciclos de estudos. E eles fazem isso nas escolas, não só do seu próprio distrito, mas também dos distritos vizinhos.</p> <p>A escola também tem "dias abertos", em que os alunos do ensino secundário poderão visitá-la. Existe também o "Dia da Escola", onde diferentes atividades são planeadas para os alunos do ensino secundário, a fim de promoverem a escola e tentar atraí-los.</p> <p>A escola não sabe o que as escolas secundárias fazem e isso deveria ser uma preocupação.</p> <p>A publicidade dos ciclos de estudo têm um conjunto de informações sobre os cursos para potenciais estudantes de forma a poderem saber quais são os objetivos, o currículo, requisitos específicos, e exames de acesso. Mas o que é realmente interessante para perceber perspetivas e expectativas dos potenciais dos alunos, e tentar mais tarde alinhar a oferta com a procura, são as visitas que os alunos e professores dos ciclos de estudos fazem às escolas secundárias e o diálogo que se estabelece entre eles e os potenciais candidatos à IES. A dimensão do contato direto com os alunos do ensino secundário é fundamental.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>As escolas secundárias e as instituições de ensino superior devem ter um contato permanente uns com os outros porque há um enorme potencial nestas relações. A interação deve ser constante, com os alunos do ensino secundário que vêm à IES e os estudantes do ensino superior que vão para as escolas secundárias.</p>

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	<p>Nalgumas faculdades, há cursos específicos para superar algumas lacunas de conhecimento que os alunos do primeiro ano têm.</p> <p>As notas de entrada não são bons preditores de sucesso do ensino superior. A instituição fez um estudo tentando explicar o sucesso dos alunos com base na sua nota de entrada e o coeficiente de correlação para o modelo de regressão é de apenas 4%. De acordo com o diretor da faculdade de Engenharia, as notas do ensino secundário são mais elevadas do que realmente deveriam ser. Os alunos são treinados para fazer exames e obter resultados muito bons neles. Os professores assim o fazem. E isso é devido à massificação, com a concorrência. Todos querem entrar nos melhores cursos, aqueles com melhor reputação, e por isso o ensino secundário e as notas dos exames finais são essenciais.</p> <p><i>Engenharia</i></p> <p>Existiam cursos específicos de formação em física e matemática dirigidos a alunos que possuem dificuldades nestes temas. Os alunos foram selecionados para os cursos tendo em conta um teste diagnóstico que fizeram ao entrar na faculdade. O curso teve a duração de um mês e foi bastante intensivo.</p> <p>O departamento de Engenharia Civil criou, em conjunto com a secção de matemática, um gabinete para apoiar o ensino de matemática. Os docentes de Matemática e de Engenharia Civil estão disponíveis durante a semana para ajudar individualmente os alunos com mais dificuldades nas unidades curriculares de matemática. O objetivo é superar algumas lacunas que os alunos trazem do ensino secundário.</p> <p>Há uma preocupação para identificar o nível de conhecimento e adaptar os conteúdos de certas disciplinas do 1º e 2º anos para o nível dos alunos do ensino secundário. Isso acontece especialmente com a física, matemática e química. No entanto os alunos que entram na faculdade são muito bons e altamente competitivos.</p> <p>O diretor do curso de Engenharia Civil afirma que não há muito que possa ser feito para assegurar que os alunos que ingressam no ensino superior estejam bem preparados, pelo menos antes da sua entrada. O ensino superior não controla os exames do ensino secundário. O único aspeto que a IES pode fazer é definir os exames específicos que os alunos terão que fazer e passar para ter acesso a um determinado curso do ensino superior.</p> <p><i>Artes</i></p> <p>Em termos de acesso, a faculdade limita-se a receber os alunos que ingressam no ensino superior. Não há uma intervenção a respeito de quem está a ingressar. Seria bom se o curso das artes pudesse realmente selecionar os seus alunos, por meio de exames específicos e/ou entrevistas.</p> <p>Hoje em dia os alunos vêm de diversas escolas secundárias e com diferentes níveis de ensino, em termos de artes (geometria descritiva, desenho, história da arte, etc.) Portanto, temos de presumir que eles não possuem uma preparação adequada para o</p>
---	---

	curso em que estão matriculados e nós temos que lhes dar essa preparação.
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p><i>Engenharia</i></p> <p>Os docentes do ensino secundário são jovens e sabem exatamente o que o ensino superior irá exigir dos seus alunos. E, ao contrário da opinião geral, eu acredito que muitos alunos estão bem preparados quando chegam ao ensino superior (diretor da faculdade de engenharia).</p> <p>O problema é que, hoje em dia, muitos e muitos alunos acedem ao ensino superior e nem todos são bons o suficiente. Alguns deles provavelmente estariam melhor em cursos de carácter mais profissional, porque provavelmente não têm vocação para um diploma universitário. Quantidade traz problemas de qualidade.</p>
<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>Os entrevistados não tinham conhecimento sobre o sistema de garantia de qualidade do ensino secundário.</p>
<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>A articulação entre o ensino superior e o secundário é sempre de alguma forma ineficaz. Não há comunicação suficiente entre ambos os setores educacionais.</p> <p>O diretor do curso de engenharia civil não tem conhecimento da existência de processos de comunicação entre o ensino secundário e o superior.</p> <p><i>Artes</i></p> <p>Na Faculdade de Artes acontecem várias visitas de escolas secundárias. Existe também a "Universidade Júnior", embora esta iniciativa não seja exatamente dirigida a escolas secundárias, mas sim a estudantes.</p> <p>Outra iniciativa da IES é a "Mostra da Universidade β", onde a instituição se apresenta. Neste caso, existe a possibilidade de se comunicar com os professores do ensino secundário, mas, novamente, não exatamente com as escolas.</p> <p>Existem alguns protocolos entre a Faculdade de Artes e uma escola secundária da cidade. O corpo docente usa alguns dos recursos da oficina da escola e partilha informações sobre as disciplinas para conseguir uma melhor articulação entre a escola e a oferta educativa da IES em cursos como Artes Plásticas, Design. Uma das ideias é evitar a repetição dos conceitos. Mas isso é feito numa base pouco formal e não oficialmente como deveria ser.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	<p>Algumas escolas da instituição fornecem aulas para aumentar o nível a matemática e as competências dos alunos do 1º ano.</p> <p>Os CET - Cursos de Especialização Tecnológica - também são um mecanismo importante para suavizar o impacto da transição entre o ensino secundário e o superior.</p> <p><i>Artes</i></p> <p>A escola fez uma análise dos alunos matriculados nos CETs, nomeadamente, a respeito da sua origem.</p> <p>A escola precisa de estudantes, mesmo que eles não sejam tão bem preparados ou provenientes de áreas que não sejam exatamente a área central do curso.</p> <p>No ensino superior, devemos colaborar para que os alunos estejam bem preparados, mas não deve ser a nossa função seleccionar os melhores alunos. Os estudantes não são melhores porque têm o melhor desempenho num exame específico do ensino secundário (diretor da escola de artes).</p> <p>A escola faz um esforço para dar aulas suplementares aos alunos que chegam no final do ano (3ª fase do concurso de acesso ao ensino superior), ou que o acesso ao ensino superior tenha sido através de uma rota não-tradicional (M23 - estudantes com mais de 23 anos de idade). Isto acontece no caso da língua portuguesa ou matemática. No caso de disciplinas como a música, design, teatro, artes plásticas, o apoio é dado de forma individual aos alunos durante os projetos que são realizados nas aulas, de acordo com o seu nível de competência. Assim, no caso dessas disciplinas, os mecanismos em vigor estão muito mais relacionadas com o compromisso dos professores em relação aos seus próprios alunos, do que com aulas complementares.</p> <p><i>Engenharia</i></p> <p>Existe uma unidade curricular da física onde eles tendem a igualar conhecimentos e capacidades dos alunos sobre o assunto, porque alguns deles não têm uma base adequada sobre o mesmo.</p> <p>Existem aulas extra de matemática para os alunos que não estão tão bem preparados. Essas aulas estão em vigor desde o início do ano e seu objetivo básico é o de tentar recuperar conteúdos que não foram devidamente aprendidos no ensino secundário.</p>
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino</p>	<p>Há muitos estudantes que ingressam no ensino superior e que não têm uma preparação adequada para este nível de ensino. Eles têm lacunas em termos de conhecimentos e competências. E isso, por vezes, explica os problemas em obter sucesso, nomeadamente, nas disciplinas básicas.</p> <p>As Olimpíadas da Química, o PMATE (competição em Matemática) são instrumentos que funcionam muito bem e têm efeitos positivos no ensino secundário. E, nós participamos em alguns deles.</p>

superior lhes oferece?	Outra iniciativa é o "Ciência Viva", programa que está a contribuir para melhorar a opção dos jovens para os cursos nas áreas das ciências naturais.
WP12.3 Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?	<p><i>Artes</i> Os sistemas de avaliação de ensino foram mais facilmente implementados no ensino superior do que no ensino secundário.</p> <p><i>Artes</i> A avaliação dos alunos no ensino secundário é bastante diferente da sua avaliação no ensino superior. No ensino secundário o principal objetivo é avaliar o conhecimento adquirido dos alunos, enquanto no ensino superior as competências dos diplomados serão o foco de interesse.</p>
WP12.4 Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?	<p>Informalmente, muitos professores do ensino superior conhecem professores do ensino secundário, de forma que eles discutem os problemas e as necessidades de articulação de ambos os níveis de ensino.</p> <p>Existem também alguns projetos conjuntos: um projeto internacional relacionado com o ensino da química que envolve os professores das escolas secundárias.</p> <p>A instituição promove "dias abertos" e tem um programa para acolher os jovens no verão que é bastante ambicioso. Isto inclui aulas temáticas para alunos do ensino secundário, ajustadas aos seus planos curriculares.</p> <p>A instituição recebe estudantes de todo o país. Apenas cerca de 30% de seus alunos vêm do distrito da IES. A relação mais próxima que se estabelece com as escolas secundárias do distrito acontece através dos estudantes do ensino superior matriculados em cursos de formação de professores, porque fazem os seus estágios nas escolas da região. Neste sentido, a Escola de Educação também oferece sessões de formação para professores das escolas da região. Estas não são ações de formação padrão ou contínua, mas algumas sessões mais específicas com base nas necessidades das escolas (matemática para todos os professores da escola, por exemplo).</p> <p><i>Artes</i></p> <p>A instituição tem uma política para a sua própria publicidade com o objetivo de tentar atrair novos alunos. Tendo em conta esta política são promovidas algumas ações nas escolas secundárias a nível nacional.</p> <p>A maior parte da interação na Escola Superior de Educação deriva dos estágios de estudantes referentes aos cursos de formação de professores que são feitos nas escolas.</p> <p><i>Engenharia</i></p> <p>Existe comunicação com o ensino secundário, mas não para garantir que os estudantes ingressem no ensino superior, com uma preparação adequada aos cursos onde se inscrevem. A instituição não tem qualquer influência ao nível das competências que as escolas secundárias desenvolvem com os seus próprios alunos.</p>

	<p>A ligação existe na criação dos CETs, onde a escola secundária assegura uma parte das disciplinas e a IES assegura outra. E também quando a IES recebe os alunos da escola que estão em cursos de formação de nível 3. O curso de engenharia também vai para as escolas secundárias no sentido de fazer publicidade de si mesmo e tentar atrair os alunos.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p><i>Artes</i></p> <p>A articulação entre os setores educacionais não tem sido muito fácil nos últimos anos, pois cada um deles estava sob um ministério diferente que trabalhou separadamente do outro. Atualmente, estão colocados sob o mesmo ministério, o que, eventualmente, poderá facilitar a articulação no futuro.</p> <p>Talvez devesse ser até a IES e os cursos decidirem sobre os exames de acesso para cada curso. E, para cada exame de acesso, as IES deveriam dar informação ao público sobre a sua estrutura, conteúdo e quais os seus objetivos.</p> <p>O reconhecimento do facto de os professores obterem um mestrado, seria também uma forma de promover a articulação entre os dois setores educacionais. Se isso acontecesse, provavelmente mais professores estariam matriculados no ensino superior para fazer um mestrado ou um doutoramento. E, sendo estudantes do ensino superior, o contato entre eles e os professores do ensino superior aconteceria naturalmente. E a maioria das dissertações e projetos que seriam feitos provavelmente estariam relacionados com as atividades escolares e o seu desenvolvimento, permitindo que as escolas e o ensino superior comunicassem com uma maior facilidade.</p> <p>Uma maior valorização também deveria ser dada aos professores das escolas que supervisionam os estudantes do ensino superior durante os seus estágios. Este também é um mecanismo poderoso para que o ensino secundário e o superior comuniquem entre si.</p> <p>Ambos os mecanismos são bastante interessantes e capazes de promover a articulação. Mas há uma necessidade de desenvolver políticas ativas para promover a articulação e modernização da escola, assim como melhorar as competências e conhecimentos dos professores do ensino superior: "porque eles precisam saber o que os seus alunos vêm fazer aqui e precisamos saber o que eles estão a fazer lá, para que possamos construir ligações." (Diretor da Escola de Artes)</p>

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	<p>A instituição não tem uma política específica dirigida a melhorar o conhecimento e nível de competências que os seus alunos têm quando entram na IES. Mas, nos cursos de engenharia existem aulas especiais de matemática que pretendem harmonizar os conhecimentos e capacidades que os alunos trazem do ensino secundário, que acontecem antes de começar as aulas formais.</p> <p>Os alunos não chegam ao ensino superior com baixos níveis de conhecimento. Eles chegam com muito conhecimento, algum de uma forma dispersa, e com informação que ainda não foi transformada em conhecimento. E isto causa problemas relacionados com o modo tradicional de ensino e aprendizagem que as IES adotaram. E exige também uma nova abordagem por parte dos professores das IES.</p> <p>Às vezes, os alunos também trazem conhecimento, mas em áreas que não precisam para o ensino superior. E os professores tendem a baixar o nível das suas unidades curriculares para que eles não tenham uma grande quantidade de insucessos.</p> <p>As IES têm limitações quanto à escolha dos seus alunos. Talvez eles não possam fazer nada sobre este assunto, talvez eles não tenham feito nada até agora. Há um regime geral de acesso nacional e as IES só podem ter uma palavra sobre as condições de acesso para cada curso em particular. E em alguns casos nem mesmo isso. Por exemplo, para entrar num ciclo de estudos de engenharia, os estudantes têm que passar por um exame de matemática e as IES não podem decidir em deixar que os alunos que não conseguem passar no exame ou que não o tenham feito para poderem entrar nos seus cursos de engenharia. As IES só poderão decidir nos regimes especiais de acesso.</p> <p>Os CETs são uma forma de os estudantes fazerem uma transição suave entre o ensino secundário e o superior. Quando os alunos terminarem o CET e continuarem os seus estudos numa licenciatura (1º Ciclo) já estão familiarizados com o ensino superior, o que torna as suas vidas mais fáceis. Os professores dos CETs e das licenciaturas conversam uns com os outros (às vezes até são os mesmos professores) e discutem como articular ambos os cursos e como usar a mesma linguagem e a mesma abordagem.</p>
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>O ensino secundário prepara os alunos a memorizar o conhecimento. Mas, numa instituição de ensino politécnico, o objetivo é que os alunos aprendam a aplicar o conhecimento existente. E os alunos não estão preparados para isso. Os estudantes não são treinados e preparados para usar a informação que eles possuem em diferentes contextos. Além disso, os alunos não são autônomos quando saem do ensino secundário. E eles não são capazes de fazer escolhas como Bolonha pressupõe (Diretor da Escola).</p> <p>Os alunos que saem da escola secundária têm sérias dificuldades de raciocínio, em tomar decisões. E isso deve ser trabalhado antes do Ensino Superior (representante da estrutura de qualidade da escola).</p> <p><i>Engenharia</i></p> <p>Nos últimos anos, os alunos que ingressam no ensino superior parecem ser mais focalizados, parecem saber melhor como estar no ensino superior. Em termos de conhecimentos e capacidades, é difícil dizer.</p>

<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>As preocupações das escolas são bastante diferentes das que as IES têm. Em ambos os sistemas de avaliação da qualidade, existem parâmetros que são idênticos, mas depois existem questões bastante diferentes entre ambos os setores.</p> <p>As escolas não têm autonomia pedagógica pelo que não têm preocupações com o ajustamento dos conteúdos curriculares e competências; as escolas não precisam de atualizar sistematicamente os conteúdos curriculares.</p> <p>Assim, no sistema de avaliação de qualidade das escolas o que importa são as taxas de sucesso. É o ranking e a posição da escola em si. Até agora, no ensino superior, não era este o caso e só agora as instituições estão a começar a ser questionadas sobre os seus níveis de sucesso.</p> <p>Assim, para além da qualidade pedagógica e qualidade do ensino, que são preocupações comuns, não há muitas semelhanças entre estes dois sistemas. (Presidente da Instituição)</p> <p>Tanto nas escolas como nas IES a preocupação é com os professores, as suas capacidades de ensino, produção de artigos, e também as taxas de sucesso. Mas isso não implica que os alunos adquiram as competências e habilidades que realmente precisam para ter sucesso no ensino superior. Não parece haver uma relação linear entre o que é um sistema de avaliação de qualidade e o que é efetivamente um professor dedicado aos seus alunos, que é capaz de contribuir para o desenvolvimento de um bom profissional.</p> <p><i>Engenharia</i> O diretor do curso de engenharia não tem conhecimento sobre o sistema de avaliação de qualidade implementado no setor do ensino não superior.</p>
<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>Os diretores das escolas participam nalgumas reuniões institucionais (tais como reuniões para decidir a oferta dos CETs; reuniões de apoio a diferentes projetos de escolas; reuniões para a reformulação dos estatutos). E representantes da IES participam nos conselhos gerais das escolas.</p> <p>Há também o Conselho Municipal de Educação, onde as escolas e as IES estão representadas e trabalham em conjunto.</p> <p>A ligação que a IES tem com as escolas secundárias reside nas visitas que a instituição proporciona aos professores e alunos das escolas secundárias. E isso é feito com o objetivo de atrair e recrutar novos alunos. Eles também vão às escolas para mostrar a instituição e fazer alguns pequenos cursos de formação e/ou seminários (por exemplo, na engenharia civil, existiam sessões de segurança no trabalho e sobre química que acontecem todos os anos; cursos de formação em química e meio ambiente para professores). E essas atividades fornecem uma oportunidade para os professores de ambos os setores discutirem informalmente as ligações entre eles.</p> <p>E a instituição também abre os seus laboratórios (especialmente os relacionados com a Conservação e Restauro (Curso de Conservação e Restauração) aos alunos das escolas secundárias para que possam ter a oportunidade de fazer experiências que de outra forma não poderiam fazer (representante da estrutura de qualidade).</p> <p>Atualmente, as escolas estão muito preocupadas com os rankings, que estas tendem a ver negativamente qualquer interferência da IES. Quando a instituição tenta promover algumas sessões curtas de formação as escolas tendem a dizer que não, explicando que não têm tempo para essas atividades extras.</p>

	<p>A ligação existente entre a instituição e as escolas secundárias acontece na abertura da instituição para receber os professores que querem ir lá para aprofundarem os seus conhecimentos. E às vezes eles vão para a instituição, mas é sempre numa base voluntária.</p> <p>As relações estabelecidas entre as escolas secundárias e as IES são sempre indiretas. Por exemplo, a instituição não interfere no currículo das escolas. Mas há uma interação, uma vez que o presidente e outros representantes institucionais são parte de alguns conselhos gerais das escolas.</p> <p>Outras relações entre os dois tipos de instituições acontecem através dos CETs. As escolas têm quatro programas de formação deste nível e muitas vezes os alunos que concluem o ensino secundário vão para um CET na IES. E como o CET é projetado pela IES, pode tentar moldar os alunos do ensino secundário antes de virem para o ensino superior.</p> <p>Até ao presente ano, houve a "Semana da Ciência", uma iniciativa em que todas as escolas secundárias poderiam visitar a instituição, visitando os seus laboratórios (engenharia, pintura, fotografia), e os alunos num contexto de sala de aula.</p> <p><i>Artes</i> O curso de Artes faz atividades de divulgação específicas nas escolas secundárias da região. Contudo, eles sentem que as escolas secundárias estão um pouco cansadas em receber diferentes IES. As escolas dizem não terem tempo suficiente para tal quantidade de atividades de divulgação realizadas por diferentes instituições de ensino superior.</p> <p>Artes tem a sua própria galeria na cidade e cada vez que uma exposição é aberta, as escolas secundárias e seus alunos são convidados a visitá-la.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>As escolas só irão ter em conta a opinião do ensino superior sobre o que devem ser as competências dos alunos quando estes terminam o ensino secundário, quando o Ministério assim o exigir. O Ministério deve ter um papel nesta questão, promovendo um diálogo entre o ensino secundário e o superior.</p> <p><i>Engenharia</i> A ideia de um fórum onde os professores dos dois níveis de ensino pudessem discutir questões relacionadas ao processo de transição dos alunos seria uma ideia muito interessante. Os professores do ensino secundário estão interessados no diálogo com os professores do ensino superior e o contrário também é verdade, mas até agora não tem havido um espaço para que o diálogo ocorra.</p> <p><i>Artes</i> A presença dos representantes da instituição em conselhos gerais das escolas é uma forma de promover o diálogo entre os dois setores de ensino, ajudando as escolas secundárias a melhorarem as taxas de sucesso e também a ajudarem os estudantes a decidir o curso que irão escolher no ensino superior (dando-lhes informações sobre as necessidades futuras do mercado de trabalho). Contudo, o ensino superior precisa de ter cuidado e não mostrar uma atitude de superioridade.</p>

ANEXO 2 – DADOS INSTITUCIONAIS POR ESCOLA

Escola A

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	<p>Os politécnicos estão a oferecer CETs. E os alunos desses CETs são de facto os mais interessantes para os politécnicos como os futuros estudantes do ensino superior.</p> <p>A maioria dos alunos dos cursos de educação profissional que vão para o ensino superior escolhem o instituto politécnico da região para continuar os seus estudos.</p>
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>Tentamos fazer o nosso melhor para preparar os nossos alunos cientificamente para o ensino superior. A partir do 10.º ano têm aulas de apoio extras com os seus próprios professores. Para além disso, damos-lhes também uma preparação especial para os exames de final de ano.</p> <p>A escola também tenta preparar os alunos para a vida em sociedade. Isso acontece através dos diferentes clubes e atividades, cujo objetivo principal é oferecer aos estudantes uma preparação para a sua vida para além da escolar.</p> <p>Existe na escola um gabinete de orientação profissional, com um psicólogo, que ajuda os alunos a decidirem o curso que querem fazer no ensino superior. Este gabinete divulga informações sobre os cursos disponíveis no ensino superior e também faz aconselhamento ao aluno.</p>
<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>Os dois sistemas de avaliação da qualidade são bastante independentes.</p>

<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>Existem relações mais estreitas com o Instituto Politécnico da cidade (IES γ) e com a universidade mais próxima, especialmente através de estágios para os estudantes do ensino superior (em cursos de ensino) .</p> <p>A escola também participa nos Dias Abertos das IES da região. E nestes dias abertos, as IES tentam atrair novos alunos.</p> <p>As IES não têm a tendência de ir à escola. As IES só enviam informações sobre as mesmas e sobre os cursos que oferecem.</p> <p>Durante um tempo, houve na escola um protocolo com uma universidade sob a Ciência Viva, que permitiu o desenvolvimento de diferentes atividades curriculares entre as IES e a escola.</p> <p>Alguns dos alunos dos cursos profissionais fazem os seus estágios no Instituto Politécnico da região, utilizando os seus laboratórios. E os professores do politécnico são os supervisores dos alunos, juntamente com um professor da escola. Ambos são responsáveis pelo exame de aptidão final dos estudantes (nota: necessário para completar os seus cursos profissionais). Este também é um mecanismo que promove alguma articulação entre o ensino superior e o secundário.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>Seria bom ter seminários ministrados por professores da IES (da região).</p>

ESCOLA B

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	<p>Os estudantes dos cursos profissionais raramente vão para o ensino superior.</p>
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>O diretor da escola tenta constituir uma equipa de professores para o ensino secundário (nota: a escola tem outros níveis de ensino) com o perfil adequado para dar a melhor preparação possível académica aos alunos do ensino secundário. E essa é uma das razões pelas quais a escola é sempre uma das primeiras no ranking a nível distrital.</p> <p>Existem também outros mecanismos suplementares que a escola tem vindo a implementar, tais como aulas de preparação para os exames (para todas as disciplinas com exames nacionais) ministradas pelo professor titular da turma ao longo do ano, aulas especiais para os de exames, bastante intensivas e disponíveis para os alunos nas duas ou três semanas antes da data do exame.</p> <p>O que é realmente difícil é ter alunos motivados, alunos que realmente queiram dar o seu melhor e aprender mais e melhor.</p> <p>Até agora não havia psicólogo na escola, de modo que não existia nenhum aconselhamento aos alunos sobre as futuras opções que poderão fazer para o ensino superior.</p>
<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>A escola não considera que haja alinhamento entre os sistemas de avaliação da qualidade do ensino não superior e do ensino superior. E também considera que o sistema de avaliação da qualidade das escolas não é eficiente nem eficaz. As escolas têm sempre <i>boa</i> ou <i>muito boa</i> classificação, apesar do facto de não serem assim tão boas. Em alguns aspetos até são mesmo inferiores ao bom.</p>

<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>Os processos que a escola tem não são formais ou organizados. Não há um protocolo formal com qualquer instituição de ensino superior, nem mesmo com o politécnico da cidade. A atitude do politécnico é considerada bastante passiva em relação à escola.</p> <p>No entanto, a escola visita o politécnico sempre que este organiza os dias abertos ou outras atividades dirigidas às escolas secundárias e aos seus alunos.</p> <p>Há um contato mais intensivo em termos de investigação, com muitos alunos e professores de ensino superior, a irem às escolas para fazerem um trabalho de investigação empírica (entrevistas, questionários,...)</p> <p>A escola também distribui internamente todas as informações enviadas pelas IES em relação à sua oferta educativa.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>A IES deveria estar em contato com as escolas secundárias. Deve haver uma continuidade entre ambos os níveis de ensino, mas não há. Há uma lacuna. "São dois mundos completamente à parte".</p> <p>E as IES deveriam ser as mais interessadas nesta continuidade porque as escolas terminam seu trabalho. As IES deveriam ter a iniciativa, deveriam vir às escolas secundárias e dizer ou sugerir que nesta ou naquela dimensão os estudantes deveriam estar melhor preparados.</p> <p>Pelo menos para as escolas, neste momento, é um pouco difícil ter esta estratégia de médio/longo prazo de pensar na relação entre o ensino secundário e o superior. As escolas estão completamente sobrecarregadas pela gestão do dia-a-dia das suas vidas.</p>

ESCOLA C

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>Em termos de conhecimento cognitivo a escola tem um corpo docente muito estável, que permite a continuidade pedagógica com os alunos de ano para ano, o que ajuda os alunos no seu processo de aprendizagem.</p> <p>A escola também trabalha os estudantes noutras competências relacionadas com o "Saber Ser, Saber Estar" através de diferentes atividades extracurriculares, algumas delas oferecidas noutras espaços para além da escola. E isto obriga os alunos a aprenderem a ser, e como se comportarem noutras ambientes e noutras situações.</p> <p>A escola também desenvolve trabalhos relacionados com a orientação dos alunos sobre as suas melhores opções em termos de cursos do ensino superior. E existe ajuda psicológica nesse processo.</p>
<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>A escola não tem conhecimento sobre quais são os critérios para a avaliação da qualidade do ensino superior.</p>

<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>A maior parte da comunicação ocorre de uma forma bastante informal e não há protocolos escritos estabelecendo qualquer relação. As pessoas conhecem-se e conversam informalmente sobre os problemas e expectativas dos setores educacionais.</p> <p>Existem os estágios dos estudantes do ensino superior referentes à formação de professores que acontecem nas escolas e a participação da escola nas atividades promovidas pelas IES (incluindo os Dias Abertos) e vice-versa (quando as IES vêm às atividades promovidas pela escola).</p> <p>As IES também enviam a informação sobre a sua oferta educativa à escola. E às vezes também sobre os cursos que eles têm para a formação ao longo da vida dos professores.</p> <p>Existem também os estudantes dos cursos profissionais da escola que fizeram os seus estágios no Instituto Politécnico da região.</p> <p>A escola participa do projeto "Mais Sucesso Escolar", juntamente com uma universidade, que é responsável pelo tratamento de dados e análise.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>Os dias abertos das IES devem acontecer antes do ano letivo. Eles ocorrem geralmente no final do ano e isso colide com a preparação para os exames nacionais, o que torna difícil a participação dos alunos, visto que eles precisam de se preparar para os exames.</p> <p>É difícil fazer uma articulação sólida entre a escola secundária e a IES, pois cada instituição de ensino superior é uma realidade diferente e preparar os alunos para ir para uma pode ser muito diferente de preparar os alunos para ir para outra. E os alunos da escola vão para diferentes instituições.</p> <p>As IES estão a fazer o seu melhor em termos de articulação com o ensino secundário. Não há muito mais que se possa fazer.</p>

ESCOLA D

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>A escola atual era o antigo "liceu" e, como tal, tem uma tradição de continuidade nos estudos (preparar os alunos para o ensino superior). Assim, a escola trabalha para que os seus alunos sigam para o ensino superior e tenta dar-lhes a melhor preparação possível académica para isso (os professores tendem a ser altamente rigorosos), inclusive para ter sucesso nos exames nacionais.</p> <p>A escola não articula os conteúdos curriculares com o ensino superior, mas considera que quanto melhor os alunos terminarem o ensino secundário, em termos académicos, melhor estarão preparados para ter sucesso no ensino superior.</p> <p>A escola adere aos testes intermédios (nota: testes nacionais fornecidos pelo Ministério que imitam os exames finais do ensino secundário numa fase anterior e numa base voluntária), e com base nos resultados desses testes decidem algumas ações, incluindo aulas de exames-tipo para todas as áreas que têm exames nacionais no 9º e 12º ano. Estas aulas acontecem a cada duas semanas e são divididas por grupos e temas.</p> <p>A escola também investe em aulas práticas de laboratório, tanto nas ciências como na física.</p> <p>As escolas tendem a tratar os alunos como os seus filhos e quando essas crianças vão para o ensino superior sentem um choque, porque a forma como as instituições de ensino superior e seus professores lidam com eles é totalmente diferente. Às vezes, eles são totalmente indiferentes aos estudantes, ou mesmo tratá-los sem respeito.</p>

<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>O sistema de avaliação da qualidade do ensino superior não é conhecido na escola, mas a ideia é que não será muito diferente do das escolas. Também será sobre os processos, resultados, lideranças, e prestação de serviços.</p> <p>O sistema de avaliação de qualidade das escolas permite que todos pensem sobre o "antes": o que é que tem sido feito. A preparação da apresentação da escola para o painel de avaliadores é o momento mais rico do processo de avaliação externa, para a qual todos estão convidados a contribuir (embora o diretor da escola faz o documento final).</p> <p>A avaliação externa tem também uma função de contabilidade. A escola tem que ser responsável por aquilo que tem feito, refletindo sobre as suas opções, os seus resultados e o que precisa de ser mudado no futuro. Os relatórios de avaliação externa não são assim tão úteis porque são muito genéricos e muito semelhantes entre as diferentes escolas.</p> <p>A avaliação externa é um mecanismo bastante positivo, porque obriga as escolas a pensar nos seus processos e produtos e obriga a que façam a sua própria autoavaliação.</p>
<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>O politécnico da cidade vai à escola para promover os seus cursos, nomeadamente, o curso de artes.</p> <p>Outras instituições de ensino superior também convidam a escola para visitá-las, mas isso não é fácil, porque às vezes a distância é significativa. Assim, as IES vão à escola para se auto promoverem e também ao seus cursos.</p> <p>Ao nível da informática os alunos da escola vão para a escola politécnica da cidade e utilizam os seus laboratórios para fazer atividades que de outra forma não poderiam ser feitas. Mas também em outras áreas. Todas as vezes que a escola sabe que não tem os meios suficientes para o desenvolvimento de algumas atividades, pede ajuda ao politécnico.</p> <p>A escola também está a promover visitas de estudo, onde parte da visita é uma IES (nos 10º e 11º anos). E a IES faz uma sessão dirigida aos alunos, explicando-lhes os cursos que oferecem e para que servem. Estas visitas agendadas são mais interessantes do que os Dias Abertos, onde há geralmente há muita confusão.</p> <p>Num nível mais formal, o Presidente do Instituto Politécnico da cidade faz parte do Conselho Geral da Escola. E o diretor da escola estava presente no órgão de decisão do instituto responsável pela eleição do presidente.</p> <p>A escola colabora com o politécnico da sua cidade na área de informática. E a escola parece que não vai tantas vezes ao politécnico porque a escola não quer. Porque o politécnico está sempre aberto para receber a escola. É a escola que geralmente pede o politécnico para a sua colaboração, mas a resposta é sempre muito positiva.</p>

<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>No caso particular desta escola, esta está a tentar estabelecer uma parceria com o Instituto Politécnico da cidade no âmbito dos CETs. A ideia é que os professores de língua portuguesa que não têm horários completos na escola, possam ensinar no CET. Foi solicitada uma reunião ao Ministério para discutir essa possibilidade.</p> <p>A articulação entre os dois setores não é tão fácil assim. Especialmente porque antes estavam em diferentes ministérios. Agora há apenas um ministério responsável por toda a educação em Portugal, o que pode fazer essa articulação mais fácil.</p> <p>Existe um órgão consultivo nacional, o Conselho de Escolas, onde todos os diretores das escolas estão presentes. O Ministério dá uma certa importância a este órgão e geralmente frequenta as suas reuniões. Mas este é um órgão muito grande, o que torna difícil chegar a um consenso e é somente para aconselhar o Ministério.</p> <p>A articulação entre o ensino superior e secundário sempre será difícil, porque o ensino superior sente que está no topo e que não precisa de se preocupar com os outros níveis inferiores de ensino. Talvez esta situação se altere no futuro, porque as IES precisam de alunos.</p> <p>Devido à crise económica, a escola também quer estabelecer uma ligação mais estreita com a escola politécnica da cidade com o objetivo de motivar os seus alunos a prosseguirem os estudos para a escola politécnica, em vez de desistirem de irem para o ensino superior.</p>
--	---

ESCOLA E

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	<p>Os alunos dos cursos de ensino profissional estão mais relacionados ao subsistema politécnico. Eles tendem a preferir uma instituição politécnica quando se candidatam ao ensino superior.</p> <p>Mas não é tão incomum para um estudante de um curso profissional candidatar-se ao ensino superior. E eles ainda sentem que possuem uma vantagem competitiva no ensino superior devido à prática que adquiriram no seu curso profissional (exemplo: estudantes de informática).</p>
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>A nível curricular deveria existir mais alinhamento entre o ensino secundário e o superior. Atualmente, os currículos das disciplinas são muito distantes e há uma incompatibilidade entre os dois. Os alunos realmente não sabem se o que eles estão a estudar no ensino secundário é realmente o que eles precisam de saber para ter sucesso no ensino superior. Alguns alunos vão para o ensino superior e tendem a repetir os conteúdos estudados no ensino secundário (e isso acontece principalmente nas instituições politécnicas); outros acham que deveriam ter estudado alguns conteúdos, pois são necessários no ensino superior (especialmente em matemática).</p> <p>Existe um psicólogo que faz trabalho de aconselhamento com os alunos do 12^o ano, ajudando-os a escolher o curso do ensino superior ao qual se vão candidatar.</p>
<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>As equipas de avaliação externa possuem um elemento de ensino superior. Mas as especificidades do sistema de avaliação da qualidade das escolas não são conhecidas.</p> <p>A avaliação externa das escolas tem em conta os resultados dos alunos, mas não há uma preocupação com a integração do ensino superior e do secundário.</p>

<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>Há uma tradição na escola em ter protocolos e parcerias com instituições de ensino superior, nomeadamente, com o politécnico da cidade e também com uma escola de economia e de negócios em Lisboa. Esta tradição baseia-se em convites da escola ao pessoal docente das instituições para virem à escola fazer um seminário ou participar numa conferência, bem como através da participação dos alunos da escola em concursos organizados por essas IES.</p> <p>A escola tenta motivar os seus alunos do 11.º e 12.º anos para participar em projetos com as instituições de ensino superior. O objetivo é que os alunos conheçam a realidade das IES antes de se matricularem no ensino superior, ganhando alguma experiência de como as coisas funcionam nesse nível de ensino (este é especialmente o caso para os alunos matriculados nos cursos de ensino regular no ensino secundário, que são voltados para os estudantes que desejam continuar os estudos).</p> <p>Nos últimos anos, a escola tem sido visitada por ex-alunos que a utilizam, e aos seus alunos, para realizarem trabalhos de investigação no âmbito dos cursos que frequentam no ensino superior. Ex: hábitos de higiene, o consumo de substâncias ilícitas, e comportamento dos alunos.</p> <p>As IES estão a fazer um esforço sério nos últimos anos para irem às escolas. Por outro lado, as IES são muito recetivas quando a escola pede a sua colaboração, nomeadamente, para falar sobre certos temas no âmbito de seminários e conferências organizadas pela escola.</p> <p>A escola também promove uma semana dedicada ao tema "Encontros com Sucesso". Durante esta semana, a escola convida ex-alunos que se diplomaram no ensino superior e possuem uma carreira bem-sucedida para falar sobre as suas experiências de vida, as dificuldades que sentiram, como as ultrapassaram, e o que fizeram para ter sucesso. Assim, os alunos da escola podem entrar em contato com pessoas de outras idades e a transição para o ensino superior torna-se mais fácil.</p> <p>Nos últimos anos, o Instituto Politécnico da cidade tem feito um esforço para colaborar com as escolas secundárias da cidade, especialmente esta escola. Existem reuniões anuais regulares com os professores, técnicos e estruturas do Instituto Politécnico para debater os cursos profissionais que a escola pretende oferecer e como estes se articulam com a oferta do instituto. Há também uma tentativa de partilhar as instalações e promover a visita dos alunos da escola ao politécnico (para a utilização dos seus laboratórios, fazendo experiências que não podem fazer na escola, participando em conferências - principalmente estudantes dos 11.º e 12.º anos) e a visita dos professores do politécnico à escola.</p> <p>Não há um órgão a nível nacional que faça a articulação entre os setores educacionais. E provavelmente seria difícil ter um tal órgão.</p> <p>Tradicionalmente o ensino superior não se preocupa com o ensino secundário. As IES recebem os alunos do ensino secundário e, em seguida, começam a trabalhar com eles e é apenas isso. Mas agora não há alunos suficientes e é por isso que as IES estão a começar a olhar mais atentamente para as escolas secundárias, tentando abrir-se e estabelecer parcerias com essas escolas. As IES vêm cada vez mais e mais às escolas, mostrando-se, promovendo concursos, especialmente dirigidos a alunos do ensino secundário, tentando criar algumas raízes nos alunos que a IES pretende atrair.</p>
--	---

<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>Há trabalho a ser feito a nível do Ministério a esse respeito, porque alguns dos conteúdos ministrados no ensino secundário não estão alinhados com o que algumas faculdades exigem aos seus alunos.</p> <p>O ministério está atualmente a trabalhar numa revisão dos currículos do ensino secundário, definindo os conteúdos fundamentais que precisam de ser ensinados. O diretor da escola acha que esta procura dos conceitos fundamentais, do que é realmente essencial na formação dos estudantes, foi feita com consulta ao ensino superior.</p>
--	--

ESCOLA F

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>A escola não desenvolve muitas medidas concretas para melhorar a transição entre o ensino secundário e o superior, especialmente dirigidas com esse objetivo.</p> <p>Mas há preocupações a este respeito. Ela promove uma escolha informada dos ciclos de estudos no ensino superior para os seus alunos (através do trabalho do gabinete de psicologia e orientação).</p> <p>Há também uma preocupação significativa com a preparação académica dos alunos.</p> <p>A escola também aconselha os alunos relativamente às diferenças entre o ensino secundário e o superior, alertando-os para o facto de que estes são dois mundos diferentes e para o facto de que eles não vão ver imediatamente as especificidades dos seus ciclos de estudos porque geralmente os conteúdos dos primeiros anos curriculares numa área específica (para engenharia ou ciências exemplo) são muito parecidos.</p> <p>A escola também alerta os alunos para a necessidade de trabalharem de forma autónoma, para estarem prontos para trabalhar e investir na sua própria educação.</p> <p>Portanto, não há medidas específicas para lidar com a transição, mas há um trabalho contínuo ao longo do ensino secundário para informar os estudantes e para os equipar com as competências pessoais que precisam para ter sucesso no ensino superior.</p> <p>Não é verdade que os alunos já não são tão bons. A escola tem alunos muito bons ou mesmo excepcionais. E mais do que alguns anos atrás. É o ensino secundário, mas não é tão básico como alguns académicos de ensino superior podem pensar.</p>

<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>O diretor da escola não vê muita relação entre o processo de avaliação externa das escolas e a "produção" dos melhores alunos para o ensino superior. A avaliação externa tende a ser muito mais sobre o que a escola diz que faz, ao invés de ser sobre o que a escola realmente faz. A duração da visita da equipa da avaliação externa à escola não é suficiente para que realmente avalie a escola.</p> <p>Muito mais importante é a pressão social exercida pelos rankings da imprensa.</p> <p>A avaliação externa traz para a escola coisas boas ou não tão boas do ponto de vista do funcionamento interno. Mas isso não se reflete no trabalho pedagógico que é feito.</p> <p>Do ponto de vista do ensino superior o que é realmente importante é a representação social da IES, a ideia que a sociedade tem de uma instituição em particular. Muito provavelmente, nem os alunos nem os pais vão tentar descobrir qual foi a avaliação da qualidade de uma escola em particular.</p>
<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>As IES estão a tentar cada vez mais em estabelecer contatos com as escolas secundárias, tentando mostrarem-se e disseminarem a oferta dos seus cursos. Estão a promover cada vez mais ações e atividades especialmente dirigidas aos alunos das escolas secundárias.</p> <p>Há processos formais de comunicação com a universidade da cidade, nomeadamente porque há um representante da universidade no conselho geral da escola. A universidade também promove algumas semanas abertas (das suas diferentes escolas) e os alunos da escola vão lá para visitar as instalações. Existem também outros projetos em que a escola e a universidade participam.</p> <p>A maioria dos alunos vai para esta universidade, mas para um grande espectro de cursos. O curso que detém de mais matrículas é o de artes. Isto tende a acontecer cada vez mais devido a razões económicas.</p> <p>Em relação à outra IES para onde vão mais estudantes (uma escola de engenharia em Lisboa) as relações estabelecidas são bastante informais e não institucionais. Os ex-alunos da escola que escolheram essa instituição voltam para a escola e falam sobre isso.</p> <p>Alguns anos atrás, a escola e a universidade tentaram desenvolver CETs em parceria. Mas, os CETs foram colocados sob o ensino superior e não foi possível implementar o projeto numa parceria formal. No entanto, haviam professores da universidade a darem aulas em CETs, mas em regime de acumulação.</p>

<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>O facto de que o ensino secundário e o ensino superior estarem sob diferentes ministérios no passado não ajuda muito à articulação entre os dois setores.</p> <p>O Conselho Nacional de Educação poderia ser o órgão onde a discussão sobre o alinhamento poderia ocorrer. Mas até agora isto nunca foi discutido. Este órgão não tem a sua própria agenda, o que torna muito dependente das ideias de seu presidente.</p> <p>Há também o Conselho de Escolas, mas, novamente, é um órgão consultivo do Ministério que não tem a sua própria agenda. Além disso, é constituído por 60 diretores das escolas com opiniões muito diversas.</p> <p>Seria bom que os professores de ensino superior soubessem o que é ensinado no ensino secundário (em matemática, física e química). Alguns deles não sabem. E isso conduz a repetições no ensino superior, bem como a lacunas entre o que os alunos efetivamente sabem e o que eles deveriam ter aprendido para serem capazes de continuar os seus estudos no ensino superior com sucesso. Ao nível das disciplinas básicas, deveria existir mais articulação e alinhamento entre ambos os setores educacionais.</p> <p>Com a escassez de estudantes no ensino superior, as instituições de ensino superior também poderiam desenvolver mais atividades para as escolas secundárias e para os seus alunos. Atividades que levem os estudantes às universidades.</p>
--	---

ESCOLA G

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>Talvez os conteúdos curriculares estabelecidos para o ensino secundário (do 10.º ao 12.º ano) não sejam os mais adequados para o ensino superior.</p> <p>A maioria dos estudantes do ensino secundário tem um nível de escolaridade inferior ao que seria desejável. E isso pode ser causado por uma falta de procura em relação aos conteúdos curriculares que são ensinadas aos alunos. As escolas e os conteúdos curriculares ministrados no ensino secundário não garantem uma preparação académica adequada ao ensino superior.</p> <p>Existe um Gabinete de Apoio Pedagógico onde os professores estão disponíveis para trabalhar com os alunos de forma a superarem as suas dificuldades e para se prepararem para os testes. Neste caso, cabe aos alunos procurarem o apoio. Há também Apoio Pedagógico, mas neste caso os alunos é que são identificados pelos seus professores para irem a este apoio.</p> <p>O ensino secundário não pode ser o 4.º ciclo do ensino básico. Tem que ter as suas próprias especificidades.</p> <p>A escola tem um gabinete de orientação e psicologia que ajuda os alunos a escolher o curso do ensino superior que melhor se adapte às suas características e vontade.</p>
<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>Os dois sistemas não são assim tão diferentes. Na verdade, as estruturas de organização das escolas e das instituições de ensino superior não são assim tão diferentes. O sistema de ensino superior parece ser mais rigoroso. E isso é provavelmente porque ele tem consequências.</p> <p>A autoavaliação das escolas é exigida, mas não existiu uma preparação para as escolas a fazerem.</p> <p>A avaliação externa não deve ter um efeito punitivo. Ela deve ter um efeito pedagógico. As escolas com avaliações pobres devem ser ajudadas a melhorarem.</p>

<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>O alinhamento entre o ensino secundário e superior não é feito adequadamente. Na verdade, estes setores educacionais estão divorciados um do outro.</p> <p>Existe uma parceria estabelecida com a universidade local, onde os alunos do 10^o e 11^o anos começam a ter contato com os cursos da universidade. E estas são experiências ricas para os alunos. Os alunos vão às aulas e desenvolvem alguns projetos em parceria com os professores universitários (em física e química há um projeto de três anos - a partir da 10^o ao 12^o anos - onde os alunos constroem um conjunto de mecanismos que correspondem aos conteúdos que eles têm de aprender; e estes são construídos simultaneamente na escola e na universidade).</p> <p>Mas estas não são abordagens estruturadas para promover a articulação. No entanto, a escola procura por processos mais formais, mas até agora não foi possível estabelecê-los.</p> <p>Os cursos profissionais que a escola tem (apenas três) foram escolhidos de acordo com as competências do pessoal docente da escola e das instalações que a escola possui. Um deles também foi o resultado da parceria existente com a cidade universitária (técnico de análise laboratorial). Os estudantes dos cursos de ensino também vão para a universidade para ajudarem nas aulas e participarem em projetos já existentes.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>O Conselho Nacional de Educação é o único órgão em que não há fronteiras entre as escolas e o ensino superior. É a única estrutura onde é possível ter uma orientação geral sobre a educação.</p> <p>No Conselho de Escolas nunca houve uma solicitação para preparar um documento referindo-se à ligação entre o ensino secundário e o superior. E isso é algo estranho.</p> <p>A articulação entre os dois setores poderia ser melhorada através de uma ação ministerial, através das estruturas que o ministério tem. Poderia ser constituído um grupo com representantes das IES e das escolas (neste caso alguns dos elementos do Conselho de Escolas). Talvez reunindo os representantes de ensino superior e os do secundário, fosse possível conseguir um melhor alinhamento entre os conteúdos curriculares.</p> <p>A sensação é de que atualmente as escolas e as instituições de ensino superior pertencem "a países diferentes, com diferentes realidades, em diferentes universos, e eu não sinto que tenha havido uma evolução nesta área. (Diretor de Escola).</p>

ESCOLA H

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>Na escola, as expetativas dos estudantes em relação ao acesso ao ensino superior são bastante baixas. Contudo, existem alguns casos de sucesso.</p> <p>Uma vez que a escola é bastante problemática e que a maioria dos alunos não têm grandes expetativas, a escola tenta criar uma, duas ou três turmas que sejam melhores às quais são alocados os melhores professores. E também tenta aumentar as expetativas dos alunos e dos seus pais nos primeiros anos da educação básica, ou seja, quando os alunos estão no 5º ao 7º ano.</p> <p>A escola tenta participar em todos os projetos que as universidades promovem: concursos de matemática e de física; plano de matemática nacional (nota: um programa promovido pelo Ministério para melhorar os resultados de matemática nas escolas).</p>
<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	

<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>Existe uma relação com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Por várias razões. Uma devido a um projeto de investigação desenvolvido pelo corpo docente sobre as diferenças entre as escolas públicas e privadas relativamente aos resultados académicos dos alunos.</p> <p>Mas, em termos formais, não há nenhuma ligação entre os dois setores de ensino. A escola nunca obtém informações sobre o ensino superior.</p> <p>As IES visitam a escola para mostrar a sua oferta de cursos, mas isto é feito na base de um para um. Não há processos articulados ou mecanismos para que a escola tenha informações sobre as IES.</p> <p>O Ministério não parece estar muito interessado em promover essa articulação, ou mesmo o alinhamento entre os setores.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>O Conselho Nacional da Educação poderia funcionar como um fórum onde essa articulação poderia ser feita.</p> <p>Ou poderia ser criada uma comissão (ou outro tipo de estrutura) para articular ambos os setores. E planejar pelo menos no médio prazo, o percurso entre o ensino secundário e o superior. Porque a nível curricular a cada ano há mudanças e isso não é bom para os alunos e respetivas famílias.</p> <p>O Conselho de Escolas não funciona adequadamente e o Ministério não presta atenção a este conselho.</p>

ESCOLA I

<p>WP12.1</p> <p>De que forma é que a política institucional para a qualidade tem em conta questões de transição do ensino secundário para o superior?</p> <p>Existem alguns mecanismos especiais institucionais - académicos, pessoais, sociais, geográficos ou administrativos - para auxiliar os alunos no primeiro ano do ensino superior?</p>	<p>A forma como os alunos têm acesso ao ensino superior não é a melhor. É muito baseada nas notas que os alunos obtêm no ensino secundário e na forma como as conseguem nem sempre é a melhor.</p>
<p>WP12.2</p> <p>Até que ponto os alunos do ensino secundário (ou outros alunos candidatos) estão preparados para aproveitar ao máximo a oportunidade que o ensino superior lhes oferece?</p>	<p>Os estudantes estão a ser treinados para os exames finais nacionais. E para terem excelentes notas. E isso acontece principalmente nas escolas privadas, sendo a razão por que aparecem nas primeiras posições dos rankings (eles ainda têm aulas extras pagas para os preparar). Mas isso não é preparar os alunos para ter sucesso no ensino superior. Isso é apenas preparar os alunos para ingressarem no ensino superior. E o gabinete do reitor da Universidade do Porto já apresentou um estudo que mostra que não há uma relação direta entre a nota de acesso dos estudantes de medicina e o seu sucesso na universidade. E isso não é bom para os alunos. Porque eles criam uma expectativa sobre si mesmos no ensino secundário, que acaba sendo enganada no ensino superior.</p> <p>O que é realmente importante é que os alunos adquiram competências no ensino superior.</p> <p>O ensino secundário está a funcionar como um corredor de passagem entre o ensino básico e o superior.</p>
<p>WP12.3</p> <p>Estarão os requisitos de garantia de qualidade para o ensino secundário em desacordo com os do ensino superior?</p>	<p>A avaliação externa é sempre boa para a escola, pois permite ter um outro olhar sobre o que a escola faz, como é que está a funcionar. E às vezes deteta boas práticas que não foram valorizadas dentro da escola.</p> <p>Os dois sistemas de avaliação de qualidade não estão alinhados. No ensino superior, os estudantes têm uma voz, nomeadamente, ao responder a inquéritos sobre as disciplinas e os professores. No ensino secundário isso não pode acontecer porque os alunos são muito imaturos e, provavelmente dariam melhores notas aos professores mais amigáveis.</p>

<p>WP12.4</p> <p>Existem alguns processos formais onde os setores de ensino secundário e superior comunicam entre si, quer a nível institucional quer nacional?</p>	<p>Os estágios dos cursos de formação de professores são um bom mecanismo para as escolas secundárias se comunicarem com as IES, nomeadamente, com os supervisores pedagógicos dos alunos. Eles trazem ar fresco para a forma como as escolas trabalham.</p> <p>Ao nível do desporto escolar não existe articulação com as instituições de ensino superior, nomeadamente através do Rugby que é desenvolvido no âmbito do programa Porto de Futuro (nota: um programa promovido pela Câmara Municipal do Porto para a colaboração de escolas, instituições de ensino superior e empresas, a fim de melhorar os resultados dos alunos).</p> <p>A escola trabalha com a faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da cidade.</p> <p>Os alunos costumam participar nas Semanas Abertas das IES, sendo que essas experiências funcionam como uma abertura de fronteiras.</p>
<p>WP12.5</p> <p>De que forma é que um alinhamento mais eficiente entre o ensino secundário e o superior poderia ser alcançado?</p>	<p>As IES deveriam ir às escolas secundárias e as escolas secundárias deveriam ir às IES. Não deveriam viver fechadas em si mesmo.</p> <p>No Conselho Nacional de Educação, tem existido um trabalho sobre a articulação entre o ensino superior e o secundário. Mas também sobre a ligação entre as universidades e os politécnicos.</p> <p>Os alunos deveriam desenvolver um trabalho prático no ano antes de irem para a universidade.</p>